

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Literaturas de Língua Portuguesa

Elisângela de Lana Costa

**BECOS DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE EM CONCEIÇÃO
EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa.

Belo Horizonte

2014

Elisângela de Lana Costa

**BECOS DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE EM CONCEIÇÃO
EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Terezinha Taborda
Moreira

Belo Horizonte

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C837b Costa, Elisângela de Lana
Becos da memória e da identidade em Conceição Evaristo / Elisângela de Lana Costa. Belo Horizonte, 2014.
87f.:

Orientadora: Terezinha Taborda Moreira
Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Evaristo, Conceição, 1946- Becos da memória - Crítica e interpretação. 2. Memória. 3. Identidade. 4. Literatura africana. 5. Fusão cultural. I. Moreira, Terezinha Taborda. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 869.0.091

Elisângela de Lana Costa

**BECOS DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE EM CONCEIÇÃO
EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa.

Prof^a. Dr^a. Terezinha Taborda Moreira (Orientadora) – PUC Minas

Prof^a. Dr^a. Iris Maria da Costa Amâncio - UFF

Prof^a. Dr^a. Constância Lima Duarte - UFMG

Belo Horizonte, 30 de abril de 2014.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela sabedoria e perseverança, pelas dádivas concedidas a cada dia.

À minha orientadora, Terezinha Taborda Moreira, pela coragem de acompanhar-me durante essa árdua jornada.

Aos meus alunos, da Escola Estadual Santa Rita de Cássia, que compreenderam a minha ausência no momento em que eles mais precisavam de mim.

Aos professores e diretores que me apoiaram em todos os momentos dessa caminhada.

Ao Anísio e à Eliângela, pela acolhida e ajuda no que fosse possível, independente do lugar e da hora.

À Angélica, pela ajuda e incentivo iniciais.

Ao Pedro Henrique, pela paciência e pela espera durante intermináveis horas de estudo.

À Adenizia, por compartilhar a insatisfação, a angústia e a impaciência, que são o motor do pensamento e por suportar a ansiedade da incompletude que acompanha o ato de escrever.

Ao Álvaro, pela boa vontade de me ajudar a chegar a meu destino a altas horas da noite, mesmo que do jeito dele.

À Arlete, pelo apoio financeiro, psicológico e pela crença incondicional na minha capacidade de vencer os obstáculos.

Aos meus pais, Romualdo e Maria Lúcia, e à minha avó Ana, pelo apoio e por compreenderem as minhas ausências prolongadas devido a tantas horas destinadas a esta pesquisa.

RESUMO

Assim como a obra **Becos da memória**, da escritora negra e mineira Conceição Evaristo, construída de forma fragmentada, é o conceito de literatura negra ou afro-brasileira, ainda em construção. Também é a identidade negra, fragmentada, híbrida, sempre em construção, encenada ao longo da obra em análise. O interessante é que, nela, a cultura híbrida dos favelados aparece no mesmo patamar de igualdade da europeia. No que diz respeito à memória, ela é construída a partir das histórias contadas pelos mais velhos em relação à época da escravidão no Brasil e após a abolição, momento em que os afrodescendentes continuaram marginalizados e impedidos de conseguir ascensão social. É construída também a partir das vivências contemporâneas da narradora na favela. A literatura negra ou afro surge para articular etnicidade, cultura e condição social e construir o orgulho étnico e a identidade afro-brasileira no campo da produção literária. O romance **Becos da memória** pertence a essa literatura porque traz como temática o questionamento sobre o lugar ocupado pelo negro na sociedade e sua dificuldade em relação à moradia digna e trabalho decente. Além disso, ao longo da obra, quem narra a história da comunidade à qual pertence é uma mulher negra que faz sua própria leitura e interpretação do mundo como sujeito. Por isso, essa escrita de Evaristo pode ser considerada “menor”, porque apresenta um aspecto desagregador tanto em relação à literatura oficial quanto em relação à língua oficial, já que traz para a cena literária a memória negra que foi apagada pela História oficial ao mesmo tempo em que usa a língua padrão para produzir a obra, mas rasura-a por meio do emprego constante da oralidade. A atitude da autora de elaborar a obra dessa forma pode ser vista como uma postura crítica, através da estética, que visa dar visibilidade à diferença afro-brasileira recriada na narrativa por meio do recurso à oralidade. Ao elaborar a obra, Conceição Evaristo faz um jogo de construção narrativa que resulta da relação de espelhamento entre ela mesma e Maria-Nova, ou seja, Maria-Nova encena na narrativa a atitude do escritor negro brasileiro. A autora, por meio da recriação da história do negro, retira-o da invisibilidade. Assim, ao trazer para a cena literária as várias vozes que habitam a favela, mostra a possibilidade de lutar coletivamente contra os estereótipos impostos, subvertendo as definições estabelecidas pelas classes dominantes.

Palavras-chave: Evaristo. Literatura negra. Memória. Identidade. Hibridismo.

ABSTRACT

As well as the book **Becos da Memória**, the black writer and Mining Conceição Evaristo, built in fragmented way, it is the concept of black or African-Brazilian, still under construction. It is also black identity, fragmented, hybrid, always under construction, staged throughout the work. The interesting is that, in it, the hybrid culture of slum dwellers appears on the same level that European culture. The memory is constructed from the stories told by elders in relation to the time of slavery in Brazil and after the abolition, when African descendants continued marginalized and prevented from achieving social mobility. It is also constructed from the contemporary experiences of the narrator in the slum. The black or African-Brazilian literature appears to articulate ethnicity, culture and social condition and build ethnic pride and African-Brazilian identity in the field of literary production. The romance **Becos da memória** belongs to this literature because it brings such as theme the questioning about the place occupied by the black people in the society and their difficulty in relation to decent housing and decent work. In addition, along the book, who tells the story of the community to which she belongs is a black woman who makes her own reading and interpretation of the world as subject. So this Evaristo's writing may be considered "minor", because has a disruptive aspect regarding to the official literature and to the official language, because it brings to the literary scene the black memory that was erased by official History while that uses the default language to produce the work, but erasing it through the constant use of orality language. The attitude of the author to develop the work in this way can be seen as a critical posture that want to give visibility to the African-Brazilian recreated difference in the narrative through the use of orality. In preparing the work, Conceição Evaristo makes a game of narrative construction that results from mirroring relationship between herself and Maria-Nova, or Maria-Nova stages in the narrative attitude of the Brazilian black writer. Conceição Evaristo, by recreating the history of the black people, removed them of the invisibility. So, while bringing the literary scene the various voices that inhabit the slum, she shows the possibility to collectively fight the stereotypes imposed, subverting the definitions established by the ruling classes.

Keywords: Evaristo. Brazilian Black literature. Memory. Identity. Hybridity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 LITERATURA NEGRA OU AFRO-BRASILEIRA: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO	11
2.1 O negro na ciência e na História do Brasil: séculos XIX e XX	11
2.2 A problemática da literatura negra ou afro-brasileira	16
2.3 A obra Becos da memória sob a ótica da literatura afro ou negro-brasileira -	23
3 MEMÓRIAS DA MARGEM	35
3.1 Construção seletiva e denúncia social na elaboração da memória	35
3.2 O narrador como o principal agente da reminiscência	43
3.3 A memória na contramão da História	47
4 A IDENTIDADE NEGRA EM CONSTRUÇÃO	56
4.1 O negro: de objeto a sujeito na literatura	56
4.2 Hibridismo cultural e identidade diaspórica	69
5 CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

1 INTRODUÇÃO

Professora da rede pública de ensino da cidade de Viçosa há quase dez anos, para as minhas aulas, sempre gostei de desafios e de fazer planejamentos sobre temas polêmicos na sociedade. Um deles é a questão da diferenciação de grupos étnicos e do racismo existente em nosso cotidiano, uma vez que, na escola, os tratamentos racistas entre os alunos eram constantes e, por mais que as aulas sobre o assunto existissem, eles não cessavam. Por isso, tinha muita vontade de estudá-lo mais a fundo para tentar entender o porquê de ele emergir com tanta frequência.

A escassez do mesmo no material que o poder público fornecia na escola aguçava ainda mais o desejo e a certeza da necessidade de pesquisá-lo para que, a partir da minha pesquisa, pudesse refletir e trocar experiências com meus colegas, professores de Língua Portuguesa.

Deixava-me ainda mais interessada no assunto o fato de, nos últimos anos, o tema negro ou afrodescendente ter estado em pauta no meio acadêmico brasileiro, principalmente por conta dos novos projetos de ação afirmativa, como a política mais acelerada de implementação de cotas na universidade e a inserção de conteúdos de história e cultura afro-brasileira nos currículos de educação básica. Estão contidos no Currículo Básico Comum, de Língua Portuguesa, dos Ensinos Fundamental e Médio, do Estado de Minas Gerais, os seguintes dizeres em relação às habilidades a serem desenvolvidas nos alunos no que diz respeito ao negro:

35.0 Relacionar formas diferentes de representação do negro a contextos históricos e literários diferentes.

35.1. Comparar representações do negro em textos literários de uma mesma época ou de épocas diferentes da história literária brasileira.

35.2. Reconhecer, em textos literários apresentados, conflitos e formas de resistência do negro.

35.3. Reconhecer, na perpetuação de determinados discursos sobre o negro, o silenciamento de outras vozes.

35.4. Estabelecer relações intertextuais entre um texto literário e uma outra manifestação cultural de/sobre negro.

(SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS, 2013, p. 131).

É notório, no entanto, que, apesar de o interesse por essa área de estudo ter aumentado, os poucos trabalhos críticos e teóricos e a escassez de bibliografia especializada nas bibliotecas ainda são preocupantes.

Além do mais, no Brasil, a lei 10. 639, de 9 de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e privados, em especial nas disciplinas de Educação Artística, Literatura e História, é ainda desconhecida de muitos professores, pesquisadores e alunos das instituições de nível superior. Além do mais, alguns cursos de licenciatura ainda não apresentam, em suas grades curriculares, disciplinas que preparem os graduandos para assumir a regência de tais conteúdos.

Diante da situação preocupante relacionada ao racismo e à escassez de material nas escolas relacionado à produção cultural negra ou afro-brasileira, surgiu meu interesse em verificar como a literatura negra retrata esse assunto, considerando ser isso fundamental como fonte de reflexão tanto para as escolas de educação básica como para os cursos de nível superior.

A primeira atitude foi escolher um Programa de Pós-graduação de uma Universidade que trabalhasse mais a fundo a literatura afro-brasileira. Cheguei à conclusão de que o Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais me atendia.

Simpatizava com o assunto, mas sabia muito pouco sobre ele devido à falta de tempo para estudá-lo, proveniente de uma carga horária extensa de trabalho que sempre tive.

Após frequentar as aulas do Programa de pós-graduação da PUC, conversei com minha orientadora, e ela me sugeriu vários romances com os quais poderia dialogar. Entre eles, li **Quarto de despejo** (1960), de Carolina Maria de Jesus, **Ponciá Vicêncio** (2003) e **Becos da memória** (2006), de Conceição Evaristo.

Fiquei encantada pela última obra devido à capa, à estrutura, ao tratamento dado ao tema pela escritora Conceição Evaristo e, principalmente, ao fato de ele ainda ser pouco pesquisado, embora tenha sido o primeiro livro escrito pela autora.

A partir da escolha desse objeto de pesquisa, debruçei-me sobre ele, lendo-o inúmeras vezes. Paralelamente, lia textos relacionados à literatura afro-brasileira (ou negra), conhecendo cada vez mais o assunto e me interessando cada vez mais por ele. A partir dessas pesquisas, descobri que, mesmo com a abolição da escravidão, em 1888, os negros continuaram marginalizados e impedidos de conseguir ascensão social devido a uma teoria de superioridade dos brancos, presente no Brasil durante boa parte dos séculos XIX e XX, sendo mais intensa no período de 1870 a 1930. Mesmo após essa data, esse tipo de explicação para a diferença negra persistiu, sobretudo no senso comum e na representação popular, sendo que o racismo se manifesta na sociedade brasileira ainda neste século XXI.

Diante desse contexto social excludente, surge a literatura negra ou afro-brasileira, a partir da experiência dos afrodescendentes no Brasil. Ela reflete sobre essa questão social do preconceito racial que, às vezes, é escancarado, mas, na maioria das situações, é velado. Esse assunto será abordado mais profundamente no primeiro capítulo desta dissertação.

Uma autora que produz literatura negra ou afro-brasileira é Conceição Evaristo. Em sua obra **Becos da memória**, objeto de análise deste trabalho de pesquisa, a narradora Maria-Nova, negra e moradora de favela, tem direito à fala como recurso de resistência à exclusão de uma sociedade que lhe nega o direito de falar. Ela, com o objetivo de ser ouvida por toda a sociedade, torna-se uma porta-voz do grupo a que pertence, revelando os valores culturais desse grupo.

Ela, desde criança, demonstra interesse em recontar, por meio da escrita, tanto o que presencia ao longo da vida, no seio de sua família e na favela onde mora, quanto o que os mais velhos lhe contam a respeito das experiências, aflições e sonhos de si mesmos. Já adulta, Maria-Nova decide recontar essas histórias em um livro. A autora, para a elaboração de seu objeto estético, usa a memória, que convoca um objeto ausente. A forma como ela trabalha a memória e o efeito estético dessa forma ao longo da obra será assunto do segundo capítulo.

Outro aspecto relevante deste estudo, assunto do terceiro capítulo, refere-se à identidade do negro. Trabalhando com a ideia de que a identidade não permanece intacta, já que sofre um processo de hibridização, a pesquisa procura mostrar os cruzamentos e os deslocamentos que estão na base na constituição da identidade negra dos personagens do romance **Becos da memória**. Corrobora, nesse sentido,

a ideia de que as identidades estão sempre em processo, sempre sendo formadas, já que a identidade do sujeito, constantemente perturbada pela diferença, é aberta, contraditória, inacabada e fragmentada.

Assim, podemos dizer que o principal objetivo deste trabalho foi investigar como o romance **Becos da memória**, de Conceição Evaristo propõe, através da memória, discutir a identidade negra no nosso cotidiano, tentando abordar o ser e o estar no mundo como negro, as vivências precárias de um grupo para que o leitor reflita sobre elas. Em função desse objetivo, procurou-se evidenciar como Conceição Evaristo traz para a cena do texto literário o debate das representações imaginárias sobre negros e mestiços no que diz respeito ao silenciamento do negro na literatura e na cultura, à emersão de sua voz em diferentes contextos, e à tradução de uma nova identidade negra que resulta em uma estética diaspórica, ou seja, aquela que se encontra em constantes mudanças, além de ser híbrida, por nascer entre as culturas branca e negra e permanecer em contato com elas. Além disso, discutiram-se também os lugares ocupados pelo negro no romance, as estratégias adotadas pela narradora para retratar a realidade do afrodescendente, e ainda, a importância da memória para articular o tema central da obra aos conflitos e às formas de resistência do negro no contexto da narrativa.

A partir dessas observações, foi possível concluir que Conceição Evaristo, por meio da memória, conseguiu encenar, em sua obra, a presença do negro no Brasil desde a época da escravidão até a contemporaneidade, retratando suas vivências na senzala e depois na favela. Entretanto, o mais interessante nessa retratação foi ela ter deixado nítido, ao longo de sua narrativa, que, em nenhum desses momentos da História, o negro se manteve passivo, característica essa que contradiz a forma de encenação de sua imagem como dócil e silenciado, na literatura oficial. Por isso, a literatura negra ou afro-brasileira a que Conceição Evaristo está vinculada é fundamental para que se entenda que o racismo ainda existe em nosso cotidiano, mas que também já existem vários escritores que refletem sobre isso e encorajam outras pessoas a fazerem o mesmo.

2 LITERATURA NEGRA OU AFRO-BRASILEIRA: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

*Mas irmão fica sabendo
Piedade não é o que eu quero
Piedade não me interessa
Os fracos pedem piedade
Eu quero coisa melhor
Eu não quero mais viver
No porão da sociedade.
(ASSUMPÇÃO, 1982, p. 44).*

2.1 O negro na ciência e na História do Brasil: séculos XIX e XX

A obra **Becos da memória**, de Conceição Evaristo, objeto de análise neste estudo, refere-se aos moradores de uma favela assolados por problemas diversos. Ao longo do enredo fragmentado, construído por meio de episódios aparentemente desconectados uns dos outros, a narradora expressa a realidade de seu povo. A partir da observação das ações nos becos da favela e dos fatos que ouve, escreve a sua obra.

Em relação à estrutura da história, pode-se observar que o seu traçado está diretamente relacionado aos becos da favela. Ela está organizada em forma de labirinto, como acontece nesse local com barracos diversos, becos diversos, difíceis de serem percorridos, já que são conhecidos apenas por quem mora lá.

É possível associar essa imagem à discussão relacionada à literatura negra ou afro-brasileira, já que o conceito ainda se encontra em construção e ainda não há um consenso em relação à sua nomenclatura. A discussão é rica, acirrada e nos leva à reflexão a respeito de como se tenta distanciar das definições da literatura oficial, mas com raciocínios que, muitas vezes, não convergem, tornando a discussão um verdadeiro labirinto, como aqueles existentes nos becos da favela.

A narradora se coloca como porta voz de seu grupo social, conta uma história coletiva, em busca de uma auto definição desse grupo a que pertence: povo vencido e humilhado, mas que busca outra situação mais confortável, através do auxílio mútuo:

Vó Rita dormia embolada com ela. Vó Rita era boa, gostava muito dela e de todos nós. Talvez, ela só pudesse contar com o amor de Vó Rita, pois de nossa parte, ela só contava com o nosso medo, com o nosso pavor. Eu me lembro de que ela vivia entre o esconder e o aparecer atrás do portão. Era um portão velho de madeira, entre o barraco e o barranco, com algumas tábuas já soltas, e que abria para um beco escuro. Era um ambiente sempre escuro, até nos dias de maior sol. (EVARISTO, 2006, p.19).

Bondade ganhou o apelido que merecia. (...). Nunca mais parou. Todos já tinham em casa o cantinho para o Bondade, assim que ele chegasse. Ali se forrava a sua cama e dormia. Durante o tempo em que ficasse, não era um parasita, estava ajudando sempre. Não se sabe como, Bondade tinha sempre um trocadinho. Era um leite que ele comprava, um remédio que trazia, um pão que não se teria hoje. (EVARISTO, 2006, p. 39).

[Maria-Nova] sabia que a favela não era o paraíso. Sabia que ali estava mais para o inferno. Entretanto, não sabia bem por que, mas pedia muito a Nossa Senhora que não permitisse que eles acabassem com a favela, que melhorasse a vida de todos e que deixasse todos por ali. (EVARISTO, 2006, p. 47).

Negro Alírio lembrou-se de sua infância, lembrou como foi se comprometendo consigo e com os outros. Tinha certeza de que a História um dia seria diferente. Quem sabe o futuro se faria mais rápido, modificando, assustando o presente? Era preciso crer. Era preciso estar alerta, consciente. (EVARISTO, 2006, p. 151).

Como se vê nos excertos, esse povo, praticamente isolado em uma favela, tenta se ajudar para que a luta pela sobrevivência se torne menos árdua, já que a mudança daquela realidade é apenas o desejo, o sonho dos que ainda sonham, como negro Alírio e Maria-Nova.

Toda essa situação de miséria e de luta dos negros contra ela é resultado de boa parte da História brasileira, de exploração e de injustiças que os marca para sempre. Na primeira metade do século XVI, os negros começaram a ser traficados para o Brasil, pelos portugueses, para trabalharem como escravos nos engenhos de açúcar do Nordeste e, mais tarde, no século XVIII, nas minas de ouro.

Eles eram transportados para cá nos porões dos navios, em péssimas condições de acomodação. Tanto que muitos não conseguiam chegar vivos ao país. Aqui eram comercializados como mercadorias e passavam a viver em senzalas, em condições sub-humanas.

Essa situação se arrastou até o final do século XIX, com a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, dando liberdade jurídica aos escravos, quando essa comercialização já não era mais interessante para o Brasil.

Mesmo com a abolição da escravidão, em 1888, os negros continuaram marginalizados e impedidos de conseguir ascensão social, uma vez que não tinham para onde ir nem receberam assistência do Estado, tendo, muitas vezes, de permanecerem onde estavam, mesmo vivendo em situações desumanas. Muitos sofriam discriminação racial e não conseguiam emprego. Por isso, passaram a morar em habitações precárias e a trabalhar informalmente.

Além disso, esse grupo étnico foi vítima da absurda teoria de superioridade natural dos brancos, presente no Brasil durante boa parte dos séculos XIX e XX. Essa teoria é desenvolvida em nosso país como se fosse verdadeira, implementando na mentalidade dos brasileiros um racismo que existe até hoje, conforme nos explica Schwarcz:

Finda a escravidão e instaurada a democracia por meio da República, toma força um discurso racial, tardio se comparado ao modelo liberal presente desde 1822. Ante a liberdade prometida pela abolição e a igualdade oferecida pela nova Constituição – que transformava todos em cidadão –, parecia imperativo repensar a organização desse novo país. Como dizia um artigo de 21 de dezembro de 1920, do **Correio Paulistano**, “os homens não nascem iguais absolutamente, supõe-se uma igualdade presumida pela lei...”. Transformada em utopia pelos cientistas nacionais, a igualdade conseguida mediante as conquistas políticas era negada em nome da natureza. Mais interessante, portanto, do que apenas nomear o impacto desse tipo de teoria é refletir sobre a originalidade de sua difusão. Falar da adoção das teorias raciais no Brasil implica pensar sobre um modelo que incorporou o que serviu e esqueceu o que não se ajustava. No Brasil, evolucionismo combina com darwinismo social, como se fosse possível falar em “evolução humana”, porém diferenciando as raças; negar a civilização aos negros e mestiços, sem citar os efeitos da miscigenação já avançada; expulsar “a parte gangrenada” e garantir que o futuro da nação era “branco e ocidental”. (SCHWARCZ, 1993, p. 242 – destaques da autora).

Em decorrência dessas teorias, no século XIX, no Brasil, a perfeição era uma característica de poucos, com superioridade de alguns grupos sobre outros. Os mestiços, por exemplo, eram inferiores por terem perdido a humanidade.

Discutindo esse mesmo assunto, Cuti nos mostra como os intelectuais adaptaram essa teoria à realidade, com o intuito de excluir os negros do convívio social e deixá-los à margem da sociedade, onde grande parte deles permanece até hoje:

O debate sobre as questões de raça permeará a produção escrita, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, para permanecer aceso nas teses sobre o Brasil, mesmo que cercado, muitas vezes, por uma cortina de silêncio. As teorias raciais serão, de início, adaptadas pelos intelectuais do período, os quais produzirão as suas próprias. A preocupação era conhecer a nação por meio de uma fantasia de futuro. O que eles queriam para o Brasil? Um país de população totalmente branca. (CUTI, 2010, p. 17).

A partir desse estudo baseado na raça, os brancos eram considerados superiores aos índios, que poderiam ser recuperados através da catequese e da inserção na cultura europeia, mas os negros, como, segundo os estudiosos, eram de raça muito inferior, eram incapazes de serem civilizados e, caso fossem inseridos na sociedade, provocariam degeneração da humanidade. Condenava-se, a partir daí, a mestiçagem como sinônimo de atraso na civilização. Para Schwarcz,

Raça é um dado científico e comparativo para os museus; transforma-se em fala oficial nos institutos históricos de finais do século; é um conceito que define a particularidade da nação para os homens de lei; um índice tenebroso na visão dos médicos. O que se percebe é como em determinados contextos elaboram-se símbolos disponíveis dando-lhe um uso original. Se a diferença já existia, é nesse momento que é adjetivada. (SCHWARCZ, 1993, p. 242).

O principal problema é que esses estudos eram feitos por homens de ciência que possuíam prestígio na época. Assim, dos meios científicos de renome, essas ideias vão para a sociedade e ficarão arraigadas nela a partir desses estudos do final do século XIX. Havia, portanto, logo após a abolição, a ideia de superioridade nata da raça branca, legitimando o sistema escravista durante o período colonial da discriminação.

A partir desse estudo, a ideia de superioridade branca presente no Brasil intensificou-se na sociedade, o racismo ficou interiorizado em vários grupos e etnias sociais, inclusive entre grande parte dos próprios negros, que renegam a sua descendência e a inferiorizam. De acordo com Schwarcz, essas teorias foram modelo de sucesso no Brasil a partir de 1870 e continham dois grandes problemas:

não debatiam a importância da cidadania nem levavam em consideração a vontade do indivíduo.

Mas se a questão racial foi operante na medida em que apontava para determinadas compreensões da sociedade, impediu ou relativizou a realização de outros debates. Ao mesmo tempo em que uma leitura determinista gerou o fortalecimento da importância das raças na formação da nação, em contrapartida levou a um esvaziamento do debate sobre a cidadania e sobre a participação do indivíduo. Entendendo o sujeito como resultado de seu grupo 'racio-cultural', esse tipo de teoria tendeu a negar a vontade individual frente a coerção racial. (SCHWARCZ, 2002, p. 244 – destaques da autora).

Essas teorias racistas da diferença inferiorizavam o negro recém-liberto pela Lei Áurea no Brasil e o transformavam em estrangeiro (africano residente no Brasil), mesmo ele já habitando aqui há várias centenas de anos. Isso o diferenciava das demais etnias e limitava o seu acesso às questões sócio-político-econômicas em seu próprio país.

Em 1930, elas começaram a ser combatidas nas esferas políticas e científicas e enfraquecidas perante as influências das teses culturalistas de Gilberto Freyre, que tenderam a enaltecer a mistura racial aqui existente para pregar a igualdade de todos na sociedade e a progressiva eliminação do negro através da mestiçagem, camuflando, assim, a desigualdade e o racismo. Segundo Cuti,

Na literatura, por razões fundamentadas em teorias racistas, a eliminação da personagem negra passa a ser um velado código de princípios. Ou a personagem morre ou sua descendência clareia. (...) Daí tal terminologia corresponder às ideias do antropólogo Gilberto Freyre, relativas à noção de uma hierarquia cultural, em que as manifestações de origem africana seriam consideradas estágios inferiores e o cruzamento biológico no Brasil apontaria para o que chamou de 'metarraça', ou seja, um futuro de produção morena que apagaria toda e qualquer tensão racial. (CUTI, 2010, p. 35 – destaques do autor).

Esse tipo de explicação persistiu sobretudo no senso comum e na representação popular. É por isso que o debate sobre essa questão é sempre revisitado, principalmente na Sociologia e na Literatura. Relacionado a esse assunto, Munanga afirma:

Os defensores do branqueamento progressivo da população brasileira viam na mestiçagem o primeiro degrau nessa escala. Concentraram nela as esperanças de conjurar a 'ameaça racial' representada pelo negro. Viram-no como marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil. (MUNANGA, 1999, p. 93 – destaques do autor).

O questionamento da postura dos defensores da mestiçagem é feito até hoje porque causa certo desconforto na sociedade, principalmente nos negros, injustiçados com a escravidão e, posteriormente, com teorias infundadas, como as do branqueamento, que os impediram de se inserirem na sociedade com as mesmas oportunidades dos demais brasileiros, principalmente dos brancos.

2.2 A problemática da literatura negra ou afro-brasileira

Na segunda década do século XX, os autores pertencentes ao Modernismo trabalharam com a ideia de valorizar a nacionalidade brasileira, exaltando a expressão cultural da população pobre, mas não retrataram seus conflitos, apenas incorporaram à produção estética modernista as manifestações folclóricas desse segmento social, suas linguagens, seus mitos, superstições, danças, músicas e sua religiosidade.

Uma análise mais cuidadosa de alguns textos modernistas considerados transgressores demonstra que, mesmo em alguns deles, o negro é muitas vezes representado a partir de atributos que reforçam uma visão preconceituosa da sociedade. Ao tentarem reverter as práticas racistas disseminadas na sociedade, muitos textos ratificam a folclorização do negro ou o apreendem enquanto indivíduo imbecilizado, aprisionando-o em imagens que o mantêm à margem do processo de evolução social. Tais textos, embora almejem reverter a visão preconceituosa sobre o negro, não ultrapassam em muito as máscaras que escondem os conflitos raciais falsamente harmonizados na trama discursiva. (FONSECA, 2002, p. 193-4).

Assim, ao trazer o negro e o mestiço para a cena literária, os escritores modernistas não os retratam de forma individualizada, mas como um grupo folclorizado e estereotipado: negrinhas de alma boa, mulatas sensuais, mas idiotas. Nessa perspectiva, mesmo tentando expurgar o preconceito que existe nos textos literários contra os negros, acabam por reafirmá-lo.

Além disso, ao longo da historiografia literária brasileira, o negro tem a sua voz desqualificada, encontrando-se marginalizado na sociedade e tendo a sua arte recusada. Esta, muitas vezes, é considerada caso de polícia, mesmo após a abolição da escravidão. Às vezes, as obras desse grupo não têm ligação com a etnicidade devido à ação branqueadora da população ao longo da História brasileira e à falta de aceitação na sociedade pelas editoras, pelos leitores e pelos críticos.

Se houvesse fuga às regras estabelecidas pela literatura tradicional, de abordar o negro como objeto e não como sujeito, a aceitação pelo sistema literário vigente seria praticamente nula. É devido a isso que a literatura produzida pelo negro com um viés crítico em relação à posição que ocupa na sociedade tem circulação restrita.

Nesse contexto, a literatura negra surge como a voz dissonante da literatura oficial. Para Cuti, o termo negra é mais adequado do que afro-brasileira, porque, segundo ele,

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil. (...). (CUTI, 2010, p. 35-6 – destaques do autor).

Para Cuti, a denominação afro faz a literatura negro-brasileira retornar à África, deixando-a à margem da literatura oficial do Brasil. É como se só à literatura de autores brancos coubesse compor toda a literatura brasileira. Assim, se o termo afro fosse adotado para denominar essa literatura, não haveria questionamento da realidade brasileira e, por isso, não haveria combate ao racismo brasileiro, sem contar que a diversidade dos países africanos seria negada, porque eles seriam colocados sobre um mesmo rótulo, como se a África fosse um único país. Há autores, no entanto, que têm outro posicionamento sobre esse assunto. É o caso de Maria Nazareth Soares Fonseca, que afirma:

Nesse sentido, a expressão “literatura afro-brasileira” parece seguir uma tendência que se fortalece com o advento dos estudos culturais. (...) Todavia, no mundo de hoje cada vez mais misturado ganham relevância as questões relativas a identidades étnicas, raciais e culturais. Por isso, embora sejam privilegiadas visões sobre o Brasil “mulato”, “moreno”, “não branco”, as discussões revelam a dificuldade de a cultura brasileira lidar com a sua própria imagem. Por isso, a questão posta pela literatura espera ainda uma resposta a ser dada pela definição do que somos, na maioria negros, afro-brasileiros ou afrodescendentes? (FONSECA, 2006, p. 30 – destaques da autora).

Fonseca ainda diferencia algumas definições que circulam no debate sobre essa literatura. Para ela, o termo literatura negra se refere à conscientização da população negra, buscando dar sentido ao processo de formação de identidades de grupos excluídos da sociedade, valorizando-os. Já a literatura afro-brasileira assume as ligações entre o ato criativo da literatura e a relação dessa criação com a África. A esse respeito, Edimilson de Almeida Pereira afirma que a literatura afro-brasileira integra aquilo que chama de “tradição fraturada” da Literatura Brasileira. Em função disso, ela apresenta “um momento de afirmação da especificidade afro-brasileira (em termos étnicos, psicológicos, históricos e sociais) que se encaminha para uma inserção no conjunto da Literatura Brasileira.” (PEREIRA, 2014, p. 2). O pesquisador defende que

A Literatura Afro-brasileira escrita nesse sistema é simultaneamente Literatura Brasileira que expressa uma visão de mundo específica dos afro-brasileiros. A dinâmica de tensões e contradições presentes nesse quadro literário nos ajuda a compreender as atitudes dos autores que recusam ou que valorizam suas origens étnicas; nos esclarece também sobre a necessidade de denunciar a opressão social e de evidenciar uma *nova sensibilidade* que apreenda esteticamente o universo da cultura afro-brasileira. (PEREIRA, 2014, p. 2 – destaques do autor).

Já Eduardo Assis Duarte defende que a literatura afro-brasileira resulta da conjunção de cinco fatores, discriminados por ele como temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público. Para Duarte,

Esses fatores atuam como pressupostos teóricos e críticos a operacionalizar uma produção que se distingue da literatura brasileira *tout court*, (...). Uma literatura empenhada, sim, mas num projeto suplementar (no sentido derridiano) ao da literatura brasileira canônica: o de edificar, no âmbito da cultura letrada produzida pelos afro-descendentes, uma escritura que seja não apenas a sua expressão enquanto sujeitos de cultura e de

arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. (DUARTE, 2008, p. 21-2 – destaques do autor).

A despeito da posição diferenciada dos autores, acreditamos que aquilo que distingue essa literatura é seu caráter social. Segundo Antônio Candido, uma literatura social é aquela que se mostra “interessada nos problemas sociais”. (CANDIDO, 1985, p. 19). Nela, o negro tem voz e revela a posição que ocupa na sociedade, a opressão que sofre, os próprios sonhos e anseios no meio em que vive. Além disso, ocorre a valorização da cultura afro-brasileira com o objetivo de refletir sobre as teorias racistas e recuperar o espaço que ele perdeu devido à já citada teoria de superioridade do branco. Para Alves,

A existência de uma literatura específica se dá através de um conjunto de significados e intenções, símbolos, estéticas e tradução em arte dessa visão do mundo. Assim, o termo “negro” não designa, aqui, a cor epidérmica de alguém. Antes de tudo, era um termo pejorativo, utilizado na escravidão para diminuir e inferiorizar. E ainda o é até hoje. Ao inverter-se a intenção negativa do termo, a literatura negra obriga-se também a inverter o olhar sobre o brasileiro negro tirando-lhe a máscara da invisibilidade e dando existência ao que se considera massa amorfa, sem rosto, sem sentimento, interioridade e humanidade. (ALVES, 2002, p. 235 – destaques da autora).

Nesse contexto, o escritor negro brasileiro contemporâneo, armado com seu verbo, tem em vista o esforço comum de emancipação social, econômica e também psicológica do homem de cor no Brasil. A literatura negra ou afrodescendente é parte e instrumento de um processo de conscientização, de um resgate cultural e moral do negro. O objetivo dele é libertar o semelhante do conformismo, do complexo de inferioridade, da negação de si próprio. A discussão central proposta por essa literatura é a visão dessa etnia como aquela que vive à margem da sociedade devido às questões históricas de escravidão e das consequências dela, sem abandonar a valorização das raízes culturais desse povo.

A História brasileira foi elaborada baseando-se na inferiorização natural dos povos africanos. A partir daí, surgem os estereótipos negativos e preconceituosos relacionados aos afrodescendentes. Assim, a etnia está ligada à inclusão ou exclusão de grupos e à desvalorização dos afro-brasileiros por si mesmos ou pelos brancos.

Esse modo complexo de lidar com a cor e com os traços que imprimem no corpo estigmas de hostilidade e vergonha pode ser vislumbrado como um mecanismo que leva os indivíduos a assumir comportamentos condizentes com a “orientação neurótica” no meio em que vivem. Alguns sintomas dessa doença social acham-se na raiz de um processo de autodesvalorização que atinge grande parte da população mais pobre do Brasil e, em maior escala, os indivíduos marcados pela cor da pele. Mas são também essas marcas que, ao longo da história, vêm incentivando atitudes de enfrentamento da ordem social excludente, fortalecendo mecanismos de ajustamentos àqueles por ela marginalizados. (FIGUEIREDO & FONSECA, 2002, p.10-1 – destaques das autoras).

Nesse contexto, a literatura é um mecanismo de denúncia dos negros em relação ao espaço que ocupam na sociedade pós-colonial e de resistência deles em relação à sua cultura, que foi, durante muito tempo, negada pelos brancos. Nessa arte da palavra, há valorização da África e de africanidades, negando as teorias de superioridade de uma raça sobre a outra e reivindicando a valorização do negro como cidadão. Não se pode negar que é difícil definir quem é negro no Brasil. Além disso, não se pode esquecer de que todos os brasileiros receberam fortes influências africanas, independente de sua origem étnica. No entanto, ao ignorar as etnias brasileiras, ignora-se também a possibilidade de enfrentar o problema racial que se arrasta ao longo da História do país. Segundo Figueiredo & Fonseca,

A indiferenciação do elemento africano, quando incluído na categoria de brasileiro, aponta também para uma recusa da identidade negra, seja na aceitação da cor, seja no protesto. Tal recusa gera sofrida angústia: não sabendo quem é, o afrodescendente não consegue elaborar uma imagem positiva de si mesmo.

Nesse segundo aspecto, a afirmação da diferença – mesmo que sob a forma de mestiçagem – conduz à possibilidade de compreender e, portanto, ressignificar o ser afro em seu real estar no mundo. E mais, pela diferença, reitera-se a exigência de a cultura nacional abrir um espaço que valorize a identidade afro-brasileira. Identidade construída a partir de uma história de ancestralidade africana que, cultural e fisicamente, reivindique a visibilidade de suas raízes. O posicionamento dos indivíduos em torno dos valores pessoais e culturais poderá favorecer uma igualdade política econômica e social e a preservação de sua diferença. (FIGUEIREDO & FONSECA, 2002, p. 15).

A mestiçagem transforma-se em marca da identidade nacional. Essa construção traz implícita a acomodação diluidora que orienta em grande medida a leitura das relações interétnicas no Brasil sem que haja um enfrentamento dos conflitos raciais. Assim, ao se articular etnicidade, cultura e condição social, o

objetivo é resgatar a memória ancestral para construir o orgulho étnico e a identidade afro-brasileira. Portanto, uma parte dessa africanidade é resgatada da África, e a outra é construída no Brasil como forma de resistência ao sistema político brasileiro excludente, questionando a diluição miscigenada das raças.

Zilá Bernd destaca as **Primeiras trovas burlescas**, de Luiz Gama, obra publicada em 1859, “como um verdadeiro divisor de águas na literatura brasileira na medida em que funda uma linha de indagação sobre a identidade a qual será trilhada até hoje pela poesia negra no Brasil.” (BERND, 1992, p. 17). Esse escritor foi escravo, assumiu-se como negro e questionou a sua condição na sociedade. Nesse mesmo ano, Maria Firmina Reis (1825-1917) publicou **Úrsula**, um dos primeiros romances escritos por mulher brasileira e com esse viés afrodescendente. Podem-se destacar ainda os seguintes trabalhos: **O canto do cisne negro**, de Lino Guedes (1927); **Negro preto, cor da noite**, do mesmo autor (1932); **Seis tempos de poesia**, de Solano Trindade (1958); **Além do pó**, de Eduardo de Oliveira (1958); **Um homem tenta ser anjo**, de Oswaldo Camargo (1959); **Ancoradouro**, de Eduardo de Oliveira (1960); **Cantares ao meu povo**, de Solano Trindade (1961); **15 Poemas negros**, de Oswaldo Camargo (1961); **Dramas para negros e prólogos para brancos**, de Abdias do Nascimento (1961); **Contos negros da Bahia**, de Isogorota (1962); **Banzo**, de Eduardo de Oliveira (1965); **Negra Efigênia, paixão de senhor branco**, de Anajá Cardoso (1966); **Gestas líricas da negritude**, de Eduardo de Oliveira (1967); **Poemas regionais**, de Oliveira Silveira (1968); **Cancioneiro das horas**, de Eduardo de Oliveira (1968); **Banzo, saudade negra**, de Oliveira Silveira (1970); **Ganga Zumba**, de Felício dos Santos (1970); **Décimas do negro peão**, de Oliveira Silveira (1974); **Praça da palavra**, de Oliveira Silveira (1976); **Pelo escuro**, de Oliveira Silveira (1977), dentre outros. No entanto, o grande marco mesmo nas publicações de literatura negro-brasileira ou afro-brasileira foi em 1978, quando surge a coletânea **Cadernos negros**, que é publicada até os dias de hoje. Essa coletânea é importante, porque, para Alves,

O termo “literatura negra” utilizado contemporaneamente para denominar o produto literário de toda uma geração de escritores das três últimas décadas do século 20, possivelmente teve seu uso defendido pela coletânea **Cadernos negros** (CN) que emerge no ano de 1978 num cenário de efervescência sociopolítica. (...) Nesse panorama nacional, manifestando-se em denúncias e protestos organizados por militantes negros, surgia o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial

entre os credores sociais do governo, contestando o modelo da democracia racial brasileira como modelo de convivência entre as raças. (ALVES, 2002, p. 221 – destaques da autora).

A efervescência sociopolítica a que Miriam Alves se refere está relacionada ao relaxamento da ditadura militar. A consequência desse relaxamento são as cobranças vindas de diversos setores da sociedade, entre eles a etnia negra, que, em busca de uma vida melhor, reivindica os valores do povo negro e combate tudo aquilo que enfraquece e sufoca esses valores. Há, nesse contexto, a valorização da negritude (luta contra a exploração social de que são vítimas os negros, em todos os níveis), em busca da verdadeira democracia racial. Para Cuti, “o texto literário se caracteriza pela ousadia no tempo. E a literatura brasileira torna-se negra exatamente porque até o presente foi, silenciosamente, de forma abusiva, ‘branca’, em seu propósito de inviabilizar e estereotipar o negro e o mestiço.” (CUTI, 2002, p. 32- destaques do autor). A partir do surgimento de autores negros e de um volume de obras produzidas por esses autores, além da periodicidade ininterrupta dos **Cadernos negros** desde 1978 até os dias atuais, surge também o interesse de se estudar a literatura negra. Segundo Alves,

A partir dos primeiros anos da década de 80, culminando em 1988, em virtude das comemorações do centenário da abolição, acentua-se o afã de estudar, captar, catalogar e nomear em livros e artigos. Nesse processo, a literatura negra virou tema com várias implicações. E a postura de seus criadores continuava bastante evidente. (ALVES, 2002, p. 230).

A partir dessa década, há o surgimento de várias vozes que reagem contra discursos silenciadores de certos grupos sociais através de uma escrita que apresenta uma identidade unilateral e preconceituosa da História e da literatura oficiais. Segundo Bezerra “em meio a essa, defronta-se com a efervescente presença de poetas e escritoras negras que, oriundas de diferentes classes sociais, tentam colocar em questionamento paradigmas que têm ajudado a perpetuar diversas formas de discriminação e opressão.” (BEZERRA, 2002, p. 119).

2.3 A obra “Becos da memória” sob a ótica da literatura afro ou negro-brasileira

Nos anos de 1987 e 1988, Conceição Evaristo escreve o romance **Becos da memória**. Antes de comentar a obra, é imprescindível apresentar a autora. Nascida em 1946, em uma favela da zona sul de Belo Horizonte, conseguiu ingressar no curso superior, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, apenas aos 25 anos de idade. Na década de 1990, entrou para o grupo Quilombhoje, grupo paulistano de escritores, fundado, em 1980, por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, com o objetivo de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. Estreou na literatura em 1990, fazendo publicações na série **Cadernos Negros**, organizada pelo grupo. Desde então, participou de várias antologias e publicou as seguintes obras: **Ponciá Vicêncio** (2003) - romance; **Becos da memória** (2006) - romance; **Poemas da recordação e outros movimentos** (2008); **Insubmissas lágrimas de mulheres** (2011) - contos. Essas obras, principalmente a primeira, têm como temática a discriminação racial, a de gênero e a de classe social. Além de escrever, faz palestras no Brasil e no exterior, falando sobre literatura afro-brasileira.

Conceição Evaristo é considerada uma escritora negra por trazer para a cena literária os negros, pessoas esquecidas em lugares de pouca visibilidade, retratando a situação em que vivem, o espaço que ocupam na sociedade e valorizando suas raízes. Com isso, em **Becos da memória** - romance escrito nos anos de 1987 e 1988, mas publicado quase vinte anos depois -, conscientiza o leitor sobre a importância do resgate cultural e identitário do negro e visa à emancipação socioeconômica e psicológica do homem negro no Brasil. Visa libertar o semelhante do complexo de inferioridade, da negação de si próprio, sentimentos incutidos nele por teorias racistas ao longo da História.

Em relação ao enredo do romance **Becos da memória**, Maria-Nova, a personagem que mais aparece na história, desde criança, demonstra interesse em recontar, por meio da escrita, tanto o que presencia ao longo da vida, no seio de sua família e na favela onde mora, quanto o que os mais velhos lhe contam a respeito de suas experiências, aflições e de seus sonhos.

Faz-se imprescindível ressaltar que a família de Maria-Nova é negra, encontra-se rodeada de pessoas cuja cor não é explicitada, mas que se encontram no mesmo nível de pobreza, vulneráveis aos problemas externos, como, por exemplo, o desfavelamento, presente em boa parte da obra e que ameaça a tranquilidade delas e a identidade construída em contato com o outro (no caso, os vizinhos) durante vários anos.

Outra observação importante é que o enredo não é linear. Além disso, as histórias estão dispostas em espiral e se repetem ao longo da narrativa, sem contar que a de um personagem penetra na de outro. Ademais, em várias momentos, o narrador ou um personagem ressaltam as polaridades para marcar as diferenças existentes na sociedade, mostrando, por exemplo, a distância entre a casa grande e a senzala, na época da escravidão e, no momento da enunciação, entre a favela e o bairro, entre o branco e o negro. Para Cuti,

As polaridades têm sido recursos empregados na literatura negro-brasileira para detectar os meandros camaleônicos da sociedade no quesito raça. Nas relações senhor x escravizado, branco x negro, rico x pobre, o escritor encontra material amplo de trabalho para desconstruir estereótipos e promover o diálogo, mesmo que este seja áspero. (...) A polaridade recupera o que o discurso racial dominante tentou e tenta dissolver na nacionalidade brasileira. Como se, em um passe de mágica, a cidadania se torna prerrogativa de todos em um mundo idílico e fraterno. A polaridade demonstra que as diferenças de raça estão presentes juntamente com as diferenças de classe e que há contradições, sim, a serem superadas pelo diálogo e pela transformação social. (CUTI, 2010, p. 114).

Por isso, a intertextualidade, nesse diálogo, é inevitável para que o negro seja visto sob uma ótica diferente daquela empregada na literatura tradicional. O objetivo é mostrar que o preconceito e as diferenças entre raça existem mesmo que ele se manifeste na sociedade de forma velada.

Apesar de a literatura afro-brasileira ou negra ser constituída, em sua maioria, de poemas, o romance em análise pode ser definido como tal por conter várias características típicas dessa literatura. A principal delas é que o eu enunciativo da obra é um negro que se julga negro e tem o desejo de fazer a própria leitura e interpretação do mundo. Esse eu que, até então, em uma visão eurocêntrica, era objeto da literatura, deixa de ser olhado e passa a olhar. Em relação à literatura negra, Zilá Bernd afirma que “assumir a condição negra e enunciar o discurso em

primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos.” (BERND, 1988, p. 22). Portanto, além da cor da pele do escritor, há também as marcas discursivas que mostram ao leitor uma ligação com a história e a cultura negras.

Em relação à literatura aqui discutida, de acordo com Cuti,

A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Os autores nacionais, principalmente os negro-brasileiros, lançaram-se a esse empenho não por ouvir dizer, mas por sentir, por ter experimentado a discriminação em seu aprendizado. (CUTI, 2010, p. 13).

No entanto, não se pode ser tão otimista em relação à literatura negra ou afro dentro desse contexto, já que nem todos os autores a possuem e ainda cultivam os valores antigos. “Por vezes, a tensão que se expressa no texto ainda se deixa contaminar por resíduos de visões e percepções fundadas em estereótipos e preconceitos, ainda quando parecem se opor ao discurso estabelecido.” (FONSECA, 2002, p. 192).

Esse não é o caso da escrita de Evaristo, que possui várias das características da escrita negra revolucionária, já que, no romance, a narradora conta a própria história, a de seus familiares e a de várias pessoas que se encontram a sua volta na favela. Ela reflete sobre a própria experiência e a de sua família como descendentes de escravos, mas esse autoconhecimento do grupo passa pelo conhecimento e aceitação do outro, numa espécie de hibridismo cultural e do respeito à diferença.

Becos da memória não se concentra nos grandes feitos da protagonista, mas no cotidiano dos moradores da favela. Além do mais, Maria-Nova, fala de um lugar marginalizado, esquecido por longos anos pela História oficial. Ela traz para a cena literária a vida de pessoas comuns, com o intuito de que essa parte esquecida da sociedade fique visível, provocando desconforto e debate em meio aos intelectuais brasileiros:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha

memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, a D. Anália, ao Tio Totó, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padim. (EVARISTO, 2006, p. 20-1).

Com a atitude da autora de utilizar a memória misturando ficção e realidade para produzir a sua obra, a literatura é utilizada como um espaço para que a narradora seja um agente histórico em busca de modificar a vida precária desses moradores. Ao escrever, a autora interpreta as vivências de uma favela, revelando o quanto é angustiante aquela situação de miséria e sofrimento.

Ao encenar essa realidade, ela recusa os paradigmas impostos pela sociedade e passa a valorizar outros: a comunidade pobre e tudo que diz respeito a ela. Um exemplo dessa mudança diz respeito à mulher negra, que exerce funções estereotipadas em seu cotidiano, como lavadeira e empregada doméstica, por exemplo, mas o foco da obra não é só mostrar isso e sim como essas pessoas, principalmente Maria-Nova, veem a realidade e como a denunciam. A narradora faz isso principalmente revelando, discutindo essas vivências e mostrando, de forma reiterada, o desejo dos moradores de terem uma vida melhor, desconstruindo, através da reflexão, uma ordem simbólica opressiva. Esses comportamentos de amor, força, coragem, luta e crença na vida são uma espécie de resistência a todas as adversidades enfrentadas no cotidiano.

A tia e a mãe entregaram as últimas trouxas de roupa. Não haviam confirmado e nem dispensado a freguesia. Havia o medo, o incerto, o imprevisível do amanhã. Mas havia a tenacidade, a força, o desejo de vida.

Maria-Nova havia feito no dia anterior as provas finais, tinha se despedido dos professores, dos colegas e dos amigos. Não voltaria no próximo ano, mas voltaria a estudar um dia. (...).

Dormiu. E foi Vó Rita que veio no seu último sono-sonho ali na favela.

Vó Rita entrou devagarinho no quarto. De repente. Calada. Ela, que não tinha a voz calada nunca, pois, se não estava falando, cantando estava; que nunca chegava de repente, pois se sabia de longe que Vó Rita estava chegando. E eis que ela chegou pé ante pé. Grandona, gorda, desajeitada. Abriu a blusa e, através do negro lúcido e transparente de sua pele, via-se lá dentro um coração enorme.

E a cada batida do coração transparente de Vó Rita nasciam os homens.

Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos...

Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira. (EVARISTO, 2006, p. 166-7).

Uma característica presente na obra que subverte a ideologia vigente é uma visão menos superficial e mais humana do negro. Aqui ele ocupa a cena literária com sua própria identidade, história, sentimento, angústia e sonhos. Segundo Cuti,

A verossimilhança, portanto, precisa de que alguém a referende. E este alguém só pode fazê-lo com base em seus referenciais, sua experiência de vida. Os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira. (CUTI, 2010, p. 87).

Não se pode esquecer de que, ao longo de grande parte da historiografia literária brasileira, a ótica era outra, já que o negro era coisificado. Para Cuti,

No Brasil, durante os quatro primeiros séculos, escritores ficaram à mercê das letras lusas. O domínio político e econômico também se refletia no domínio cultural, incluindo a literatura. A crítica obedecia aos pressupostos do padrão de escrever da metrópole e por esse viés valorizava ou desqualificava as obras.

O século XIX marca o período da nacionalidade brasileira, com a Independência, a Abolição e a República. A crítica literária brasileira não podia ficar à margem do processo, pois fazia e faz parte do conjunto das relações sociais. (...) [O Romantismo] é o período em que temática e ideologia aliam-se explicitamente à forma de escrever dos movimentos artísticos transplantados da Europa. O tom estava dado. Realismo, Naturalismo e Parnasianismo cada um a seu modo, também vão enfatizar a nacionalidade, empregando elementos locais. O Simbolismo, que mais se afastou desse processo acabou dando a sua contribuição nessa mesma linha.

Até então, nesse contexto, os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade. (CUTI, 2010, p. 15-16).

Contrariando essa ideia, **Becos da memória** apresenta um aspecto contestador, desagregador de um campo literário e de um determinado discurso típico da cultura dominante. Na obra, há tentativa de Maria-Nova de, dizendo com Deleuze e Guattari, reterritorializar a cultura negra. Com base em Deleuze e Guattari (1977), podemos entender que reterritorializar a cultura negra implica trazer, para o

texto literário, traços da cultura negra tais como a memória da ancestralidade e a ação heroica de resistência cultural, (re)contando, (re)imaginando a história da saga negro-africana no Brasil.

Nesse contexto, a personagem-narradora tenta ocupar, como negra, um espaço cultural que foi esvaziado pela cultura europeia, tida como a ideal, a que todos deveriam valorizar, em detrimento da cultura do negro, caracterizada até mesmo como fora-da-lei. O caminho para essa reterritorialização da saga negra na imaginação do negro é a reparação de diversas perdas, como a da ancestralidade e da própria história, muitas vezes, silenciada pelos registros oficiais. Reterritorializar a cultura negra é uma tentativa de resgatar os valores culturais negros e dar novas significações a eles, abrindo um espaço para mostrar a realidade camuflada desse grupo.

A componente fundamental das literaturas negras em geral, independentemente da língua em que se expressem ou do país de que sejam originárias, é a prática de um *recentramento estético e cultural*. Caracterizada pelos centros culturais hegemônicos como literaturas “periféricas, conexas e marginais”, elas adquirem a maioria no momento em que assumem positivamente esta excentricidade, passando a definir o lugar de onde falam não mais como periférico ou como um contra-espaço, mas “como o seu próprio centro, e desse enraizamento abrem-se para o seu ambiente circundante natural e, mais além, para o mundo”. (BADER, W *apud* BERND, 1988, p. 95-6 – destaques da autora).

A partir dessa reterritorialização, essa literatura sai do espaço de invisibilidade e passa a ser considerada importante com o enunciador negro, que fala em primeira pessoa, ou seja, como sujeito da enunciação.

Em relação à estrutura da obra, ela começa e termina com as mesmas personagens: Vó Rita (simbolizando a solidariedade) e a Outra (uma louca de quem apenas Vó Rita se disponibiliza a cuidar e que simboliza a vítima da discriminação e o ser silenciado na sociedade). A loucura aqui é vista como uma doença natural, totalmente oposta à visão de Nina Rodrigues, que a via como a degeneração do resultado de cruzamento de raças, gerando o mestiço.

Nina Rodrigues [(1862-1906), médico brasileiro que se dedicou ao estudo da raça humana no período compreendido entre o final do século XIX e o início do século XX, período em que a teoria do “branqueamento” era

amplamente aceita em nosso país.] analisava casos de alienação estabelecendo uma correlação quase mecânica entre cruzamento racial e loucura. Era a face pessimista do racismo brasileiro, que diagnosticava a falência nacional e a primazia dos médicos sobre os demais profissionais. (SCHWARCZ, 2000, p. 28 – destaques da autora).

Essa inferiorização e estereotipação provocam entre os negros um silêncio histórico. Primeiro, os responsáveis por isso foram os senhores de escravos, que os impediam de manifestar a sua religião e a sua cultura. Com o fim da escravidão, a polícia entra em cena e os cala, caracterizando suas manifestações como criminosas:

Calar o outro é uma das táticas para dominá-lo. A violência colonial serviu para impor limites à expressão dos escravizados. Esse silêncio impositivo atravessa o tempo, naturaliza-se. A feição do racismo à brasileira se pauta por silenciar os discriminados. Essa ideologia vai se incutir também na avaliação da arte. (CUTI, 2010, p. 58).

Por isso, em muitas obras da literatura oficial, o negro mal aparece e, quando isso ocorre, é mero coadjuvante ou mal tem voz, característica que não ocorre na obra em análise, já que ele tem um amplo espaço e fala da sua situação no mundo, com seus sonhos, problemas e miséria.

Algumas características do grupo se repetem com frequência. São elas a fome, a pouca escolaridade, a falta de condições para se ter uma vida digna, o trabalho cansativo e mal remunerado, a constante ameaça de perder o lugar onde mora, o alcoolismo, o sofrimento, a dor, a falta de estrutura familiar, o sentimento de solidariedade entre os vizinhos e a vontade de sair daquela vida de pobreza extrema. O álcool é um elemento frequente em várias ocasiões na vida dessas pessoas, que o utilizam como uma espécie de mecanismo de evasão dos problemas.

Os exemplos de embriaguez, alienação, epilepsia, violência ou anormalidade passavam a comprovar os modelos darwinistas sociais em sua condenação do cruzamento, em seu alerta “à imperfeição da hereditariedade mista”. Sinistra originalidade encontrada pelos peritos baianos, o “enfraquecimento da raça” permitia não só a exaltação e uma especificidade da pesquisa nacional como uma identidade do grupo profissional. (SCHWARCZ, 2000, p. 27 – destaques da autora).

O álcool na obra contraria a visão dos estudiosos da raça no final do século XIX e no início do XX. Ele aparece como uma forma de fuga dos problemas de miséria e de falta de sossego proveniente da derrubada dos barracos pela Firma Construtora. A bebida surge como uma ajuda para suportar as adversidades do dia a dia.

Outra característica que marca essa comunidade é a alegria dos festivais de bola, uma espécie de confraternização e de fuga de toda aquela vida de miséria e sofrimento que enfrenta no cotidiano. Assim, mesmo com todos os seus problemas socioeconômicos, é alegre e vibra em momentos de descontração.

Ainda em relação a esses moradores assolados por problemas diversos, ao longo do enredo fragmentado, construído por meio de episódios, a narradora expressa a realidade de seu povo.

A retratação do coletivo e dos constantes auxílios entre si, promovidos pelos personagens, simbolizam a convocação de uma solidariedade ativa, por isso os temas da problemática social, em busca de uma vida menos sofrida predominam sempre sobre o indivíduo. Negro Alírio, através da conscientização dos moradores em relação à procura de melhores condições de vida, e Maria-Nova, através da escrita e da reflexão a respeito da realidade, são exemplos dessa busca incansável por uma vida mais digna. Ela, por exemplo, com sua consciência humanitária, com a atitude de não nomear a favela sobre a qual fala, faz denúncia das favelas em geral. Para Zilá Bernd,

Nesta medida, a literatura negra vai construindo-se como *literatura menor*, definida por Deleuze e Gattari como a que representa condições revolucionárias no seio da literatura estabelecida (ou grande literatura). O termo *menor* não tem, portanto, nada de pejorativo, embora não seja o mais adequado porque pode ser associado da mesma forma que o termo marginal, a critérios depreciativos. (BERND, 1988, p. 41-2).

Organizando-se como *contradição* a esse tipo de retórica grandiloquente, que camufla os aspectos deprimentes da sociedade como miséria, guerra, racismo, subdesenvolvimento etc., ela abre uma brecha para o aparecimento de uma realidade oculta, permitindo ao mesmo tempo o resgate da imagem real do homem e a emergência de um discurso de resistência à opressão. (BERND, 1988, p. 43-4 - destaques da autora).

Como literatura menor, também nos termos de Deleuze e Guattari (1977), **Becos da memória** permite ao negro mostrar-se, expor sua experiência, revelando uma verdade até então abafada pelo discurso oficial: “Vale dizer que ‘menor’ (...) [qualifica] as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que chamamos de grande (ou estabelecida).” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 28 – destaques dos autores). Ela é uma denúncia dos problemas enfrentados na sociedade por um povo marginalizado, que vive afastado da elite pensante do país e que, muitas vezes, não tem voz nem vez. Para Cuti,

Quando o escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos. É assim que se dá um círculo vicioso que alimenta os preconceitos já existentes. As rupturas desse círculo têm sido realizadas principalmente pelas suas próprias vítimas e por aqueles que não se negam a refletir profundamente acerca das relações raciais no Brasil.

Uma das formas que o autor negro brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o “lugar” de onde fala. (CUTI, 2010, p. 25 – destaques do autor).

Em **Becos da memória**, encontramos uma narradora que, subvertendo o preconceito existente na sociedade e na imensa maioria das obras literárias da literatura oficial, narra a partir do orgulho de ser negra e do desejo de ser ouvida além das fronteiras do grupo. Por isso, a narrativa utiliza a língua portuguesa, mas, ao mesmo tempo, apresenta uma forte carga de oralidade para valorizar a própria identidade, já que as pessoas mais velhas que contam as histórias à narradora raramente tiveram acesso à escola:

Perdi as forças, Maria-Nova. Trabalhei demais. Eu quero agarrar nas coisas, pegar o machado, rachar essa lenha... Assento e penso, pra quê? Fiz isso a vida inteira... Labutei, casei três vezes, viuei duas, a terceira mulher é você. Tive filhos das duas primeiras. Os filhos também se foram. Partidas tristes, antes do tempo cumprido, antes da hora. Eu, vivido, já velho, estou aqui. Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança. (EVARISTO, 2006, p. 23).

No excerto acima, há algumas marcas de oralidade, como a utilização do vocábulo “pra” em vez de “para”, orações fragmentadas e curtas, pausas excessivas

para demonstrar o cansaço da pessoa que fala, repetição de palavras para enfatizá-las, sentenças constituídas apenas de palavras essenciais e, portanto, fragmentadas. Assim, é encenada a luta entre a civilização letrada e a oral, e o que predomina é o atributo aos esquecidos.

A respeito da literatura negra, Zilá Bernd afirma:

Em síntese, a presença de uma articulação entre textos, determinada por um modo negro de ver e de sentir o mundo, e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto nos símbolos pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida legitimam uma escritura *negra* vocacionada a conceder a desconstrução do mundo nomeado pelo branco e a erigir sua própria cosmogonia. Logo uma literatura cujos valores fundadores repousam sobre a ruptura com contratos de fala e de escritura ditados pelo mundo branco e sobre a busca de novas formas de expressão dentro do contexto literário brasileiro. (BERND, 1988, p. 22, destaques da autora).

Para Cuti, essa retomada da cultura do segmento subalterno da população brasileira, incluindo-se aí a população afrodescendente, será um artifício por meio do qual o sujeito brancocêntrico ensinará seu contraponto, já que:

A antropologia brasileira nasce no Brasil sob o signo do racismo. A sociologia segue os mesmos passos, a literatura e a história também. A formação discursiva dominante, com todas as ranhuras e fraturas que sofrerá, chegará, nesse quesito, até o século XXI, ainda com poder de convencimento. (CUTI, 2010, p. 18).

A atitude racista se expressa no cotidiano, por meio de formas de comportamento – escolhas matrimoniais, insultos, humilhações, marginalização social e espacial. No aspecto socioeconômico, ela permite o surgimento de oportunidades desiguais. Assim, aqueles considerados inferiores, na hierarquia social imaginada, são desfavorecidos na competição social, cabendo-lhes os piores postos de trabalho, salários menores, dificuldade de acesso aos meios culturais e ao sistema de formação escolar, profissional, etc.

Na verdade, se esse tipo de discussão perdeu o seu lugar nas academias, a sua crítica teórica, nos anos vinte, não significou o esvaziamento da questão. Com efeito, o tema foi expulso dos espaços oficiais e das instituições científicas, mas ganhou os locais de vivência cotidiana e a

esfera das relações pessoais. Se hoje é pouco legítimo advogar cientificamente esse tipo de discussão racial, o uso de expressões, piadas e gags revela como “raça” virou um lugar comum entre nós. (SCHWARCZ, 2000, p. 32 – destaques da autora).

Diante desse contexto social injusto, para dar voz ao negro e combater o racismo, está a importância da literatura negro-brasileira. Segundo Cuti,

Como vivemos em uma sociedade capitalista, a discriminação racial é uma forma de ataque contra os negros na luta por dinheiro e prestígio. A literatura negro-brasileira nasce na e da produção negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro”. (CUTI, 2010, p. 44-5 – destaques do autor).

Em **Becos da memória**, nesse contexto social do preconceito que, às vezes, é escancarado, mas, na maioria delas, é velado, causando dor e sofrimento aos afrodescendentes, a narradora quer ter direito à fala como recurso de resistência à exclusão de uma sociedade que lhe nega o poder. O objetivo é ser ouvido por toda a sociedade. Ela é porta-voz da comunidade afrodescendente, agregando um conjunto de valores que atravessam a palavra de um enunciador, para embutir ora um protesto, ora uma revelação da situação desconfortável que ele ocupa no sistema social vigente, ora um sonho comum de um povo. Para CUTI,

O dizer-se “negro”, além de desdizer o que foi dito, é um dizer-se: “Sou humano!” O espanto que fica é: “Alguém disse que não?” A pergunta suscita a resposta “sim” e nos conduz direto para o primeiro passo da consciência despertada com essa afirmação: “Então, o racismo existe e não podemos negar sua existência nem cruzar os braços diante dele!”. É isso que muitos daqueles situados no limiar da hipocrisia e da farsa de uma mestiçagem milagrosamente detestam. Quando percebem que não está dando trégua às artimanhas das teorias racistas no tempo, isso os incomoda. Bombardear as identidades que confrontam essa falsa paz racial que domina um mundo edulcorado pela mídia é a missão daqueles; pregar que as teorias racistas estão sepultadas é a ilusão precoce que tentam vender para os negros. Como vimos, igual a um camaleão, tais teorias tentam se adequar ao momento presente, dele extraindo o máximo teor de seus disfarces. (CUTI, 2010, p. 56 – destaques do autor).

Como foi exposto até então, com a literatura afro-brasileira pondo fim à mudez de sua subjetividade, o negro converte-se em sujeito de sua própria fala, rompendo com a cultura oficial e discutindo o racismo e as ações de exclusão, possuindo-se e buscando a verdadeira democracia racial. Para Cuti, “A vítima da autocensura tem seu direito de permanecer calada e também de protestar contra a revelação do esconderijo criado em si mesma. Nessa segunda hipótese, o argumento estético é o mais usado.” (CUTI, 2010, p. 62).

Ele subverte a ideologia da maior parte das obras anteriores ao surgimento da literatura negra, deixando de ser tema – já que antes apenas o branco era o sujeito, o foco, o protagonista do discurso e o leitor – e passando a ser além de produtor, interlocutor. Além disso, a personagem coadjuvante ganha o primeiro plano; a voz silenciada por meio de imposições históricas emerge e revela visões de mundo soterradas por uma literatura ocidental, branca e masculina.

Essa nova literatura tem como característica a valorização das matrizes culturais africanas através da memória coletiva e o espírito revolucionário na tentativa de construir uma identidade nacional crítica, revelando ao leitor, através da arte da palavra, tudo aquilo da vida do negro que até então praticamente não era revelado: cultura, crenças, vida pós-escravidão e dificuldades dentro de uma sociedade desigual e racista, mesmo que essa última característica seja velada.

Nesse contexto, o negro se assume como sujeito e luta por uma sociedade de mentalidade aberta, sem estereótipos contra sua raça, sem opressão cultural e a favor da autoestima negra, da tolerância e da solidariedade entre os cidadãos. O romance **Becos da memória** possui todas essas características.

3 MEMÓRIAS DA MARGEM

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. (...). Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (BOSI, 2004, p. 39).

3.1 Construção seletiva e denúncia social na elaboração da memória

O termo memória se refere à ação de guardar o vivenciado, o visto, o ouvido, as reminiscências de percepções e experiências vividas ao longo da existência. A ação de lembrar envolve também a imaginação, já que é impossível recordar os fatos tais como eles aconteceram. Esse processo de relembrar é tão fundamental para os seres humanos, que a reflexão sobre ele se estende desde os estudos gregos até a contemporaneidade. A memória é tão importante para os gregos, que se materializa em uma deusa, Mnemozine, que, unida a Zeus, gerou as nove musas, divindades responsáveis pela inspiração. Segundo Adélia Bezerra de Menezes, Mnemosyne revela as ligações obscuras entre o “rememorar” e o “inventar”. Mãe, isto é, matriz geradora da inspiração, Mnemosyne tem por função dizer – cantar – “o que é, o que será e o que foi.” (MENEZES, 2004, p. 149).

Nesse processo, há uma ação contínua de desconstrução e reconstrução para preencher as lacunas deixadas pelo esquecimento. Perceber e imaginar são atos simultâneos e se entrelaçam constantemente, buscando traços que pareçam apagados. Ao ato de rememorar estão associados os de comparar, selecionar ou combinar as partes e o todo para compreendê-lo. Sobre esse mesmo aspecto, Menezes afirma:

O filósofo Aristóteles assevera que a memória brota da mesma parte da alma da qual brota a imaginação, e que “as coisas que são objeto de memória são também aquelas que dependem da imaginação”, mas o que é mais surpreendente ainda, declara que *a imaginação é movida pelo desejo*. Então só traz à memória aquilo que lhe convém. (MENEZES, 2004, p. 150 – destaques da autora).

Não podemos nos esquecer de que muito do que está na obra **Becos da memória** é invenção de uma narradora que nos conta sua vivência. Entretanto, o que realmente importa é o que está materializado na narrativa e que nos é apresentado. O fato pode não ter acontecido da maneira como foi narrado, mas está contado de forma verossímil, dando-nos a certeza do texto. Para Menezes,

Não é o dado bruto que importa, mas sua *transformação para o papel*, e sua necessária transformação, quando entram os recursos estilísticos, a metáfora, a metonímia, o símbolo, a alegoria, quando atuam o processo de elaboração poética de condensação e deslocamento (...). A memória é apenas matéria-prima de um processo de mimese. (MENEZES, 2004, p. 162 – destaque da autora).

Assim, o que se materializa na obra **Becos da memória** e que muito nos interessa é a perpetuação de uma vivência em um local marginalizado na sociedade: a favela, habitada por um segmento étnico-racial que tem sua vida marcada negativamente pela História, os afrodescendentes. É da memória cultural e do modo de vida desse segmento étnico-racial que a obra vai tratar:

Maria-Nova crescia. Olhava o pôr-do-sol. Maria-Nova lia. Às vezes vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás de cada barraco, de cada pessoa. Fechava o livro e saía. (...) Posso ir assistir à briga de Tonho Sentado e Cumadre Colô. Posso ver a Tereza, quem sabe talvez hoje ela dá o ataque? Posso passar devagar, pé ante pé, perto do Tião Puxa-faca. (EVARISTO, 2006, p. 35).

Maria-Nova observa fatos típicos do cotidiano, especificamente da favela em que ela mora, para usar como parte do enredo de suas memórias. Para isso, há uma tentativa da narradora-personagem de entender o seu mundo. Ela tanto lê como observa o espaço geográfico e o comportamento das demais personagens. Isso não ocorre ocasionalmente. Ela persegue esses dados o tempo todo e coleciona informações sobre eles.

O romance é um livro de memórias em que a narradora conta as histórias de várias pessoas, muitas delas transmitidas a ela oralmente. Essas histórias, principalmente as familiares, vindas do passado, projetam-se no futuro das personagens. As heranças provocam um sentimento de pertença, continuidade em

relação àquele grupo social, ao serem contadas de geração a geração. Assim, na obra, sendo a memória ativa, não há separação entre o passado, o presente e o futuro das personagens.

Através da recordação, o futuro também é projetado de antigas esperanças. Além disso, o passado está ainda vivo e se funde com o presente: “Perdi uma terra que pais de meus pais diziam que era um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre e de sol forte.” (EVARISTO, 2006, p. 32). Aqui, a personagem Totó remete à África e a suas características, além de lembrar os seus ascendentes e a liberdade deles nesse continente antes do tráfico negreiro e da escravidão. Através dessa reflexão, ele lembra um passado distante, faz uma ligação entre o passado e a escravidão (fato ocorrido após o tempo a que ele se refere), para remeter a um tempo diferente do presente e, no qual o negro era um homem livre que habitava uma terra que era dele.

A memória dos afrodescendentes é resgatada pelos testemunhos orais dos moradores da favela, já que esse segmento social não teve sua história divulgada devido à estigmatização da memória negra no Brasil e da tentativa de apagamento, pela história oficial, da história dos escravizados e da de seus descendentes – como se percebe no fragmento abaixo:

Iriam partir, queriam esquecer as histórias de escravidão, suas e de seus pais. Foram dias e dias sobrevivendo pelo mato. Lembravam histórias mais amenas de campo, de vastidão, de homens livres, em terras longínquas. Lembravam-se de deuses negros, reais, constantes e tão diferentes daquele Deus-Jesus de que tanto falavam os senhores e os padres. Nesta hora vinha uma dor fina como um espinho rasgando o peito. (EVARISTO, 2006, p. 25).

Vê-se, no trecho em destaque, que houve, por parte dos senhores de escravos, uma tentativa de suplantar a religiosidade dos escravos, como o candomblé, e substituí-la pela religião católica. Nesse contexto, a dor a que a narradora se refere está relacionada à consequência da falta de respeito em relação à escolha religiosa de cada um e à tendência do explorador, senhor de escravos, de considerar a própria religião superior às outras, principalmente às de matriz africana. Com isso, a dor de Tio Totó está relacionada à brutalidade sofrida pelo negro pelo fato de, além de ser usado como força de trabalho sem nada em troca, ser obrigado

a cultivar rituais que não lhe pertencem, perdendo até mesmo a liberdade de praticar os rituais de origem africana nos momentos de dificuldade.

Nesse processo de reconstrução da memória negra, a família é essencial para que a narradora Maria-Nova se conheça ao longo da vida e também volte, através das histórias contadas pelos mais velhos, às suas origens. É a partir dessas narrativas que lhe é possível ter contato com a real situação do negro após a abolição da escravatura, quando ele teve que sair do campo, onde, muitas vezes, vivia na senzala, para viver marginalizado nas grandes cidades:

Maria-Velha e Totó ficavam trocando histórias, permutando as pedras da coleção. Maria-Nova, ali quieta, sentada no caixotinho, vinha crescendo e escutando tudo. As pedras pontiagudas que os dois colecionavam eram expostas à Maria-Nova, que escolhia as mais dilacerantes e as guardava no fundo do coração. (...).

Aquela menina, pernas longas, pulos acabitados, era a imagem fiel de uma filha sua. Filha que ele perdera de vista e que nunca mais vira.

Mãe-de-leite de uma criança, um dia a escrava se rebelou contra o sinhô. Agarrou o homem pelo peito da camisa, sacudiu, sacudiu. A escrava foi posta no tronco, iam surrá-la até o fim. A criança, filha de leite, chora, grita, berra, desmaia, volta a si, quase enlouquece.

- Não matem “mamãe preta”, não matem “mamãe preta”!

Os sinhôs resolveram, então, vender a escrava e nunca mais soube dela. (EVARISTO, 2006, p. 33-4 – destaques da autora).

Como se vê, nos trechos em destaque, os mais velhos trocam experiências que remetem à época da escravidão. Maria-Nova não participa do diálogo, mas o ouve atenciosamente, analisa-o e guarda na memória as histórias mais tristes para um dia recontá-las. As mais dilacerantes são relacionadas à relação senhor e escravo, em que este é sempre oprimido por aquele, tendo a vida marcada por episódios de sofrimento. Além disso, no Brasil, após a escravidão, para Zilá Bernd,

Muito pouco se alterara, contudo, na situação dos negros, pois a Abolição atendeu certamente mais aos interesses das classes dominantes do que aos dos próprios escravos, que se viram empurrados dos meios rurais para os centros urbanos, cujo mercado de trabalho não tinha capacidade para absorver essa mão de obra, na sua maioria desqualificada. (...). (BERND, 1998, p.61-2).

Assim, a Lei Áurea resolveu o problema de um pessoa possuir outra, mas criou um outro: a marginalização dos ex-escravos na cidade após a sua saída do campo. Além disso, foram criados estereótipos negativos contra os negros e, conseqüentemente, instituiu-se o preconceito étnico-racial. Essa atitude, muitas vezes, na sociedade, até hoje serve de impedimento para que os afrodescendentes possam alcançar seus objetivos, como, por exemplo, conseguir um emprego em que se exige boa aparência, pois esse requisito continua seguindo estereótipos de que belo é aquele cujas características mais se aproximam do homem europeu. Além disso, por terem baixa condição financeira, os afrodescendentes frequentam escolas de baixa qualidade, têm dificuldades de chegar ao nível superior e, posteriormente, ao mercado de trabalho, a cargos renomados, como juízes, promotores e até políticos. Veja um exemplo:

Estavam espalhados por todas as partes. As mulheres e as crianças da favela ficavam votando de brincadeira nos candidatos que elas achavam de rosto mais bonito. Um dia, apareceu um candidato negro. Espalhou também seus papezinhos. Poucos escutavam o que o homem tinha a dizer. Diziam mesmo que ele não ganharia nunca. Parecia ser pobre como nós. No concurso de beleza, obtive poucos votos. (EVARISTO, 2006, p. 109).

O interessante é que Maria-Nova revive as experiências de seus ascendentes nas fazendas de escravos, suas dores, seus sofrimentos e as opressões sofridas por eles nas histórias de Mãe Joana, Maria-Velha, Tio Totó e Tio Tatão e mistura essas histórias com as vivenciadas por ela no ambiente miserável dos becos da favela em que vivem. Há, com isso, a revisão do passado histórico dos afrodescendentes brasileiros.

Uma nuance dessa memória que é encenada de forma muito criativa e leva o leitor a questionar cada vez mais sobre a situação do negro brasileiro é esse movimento feito do presente para o passado recente, constituído pela infância da narradora, e para um passado bem mais distante, constituído pela época da escravidão, ou mesmo antes dela. Nesse movimento, a situação atual do negro não se distingue daquela que marca seu passado de escravidão, já que, assim como antigamente, hoje se encontra subjugado e vive à margem da sociedade.

Ao estabelecer uma interligação entre o modo de vida dos negros na favela e o da escravidão, observam-se muitas semelhanças, mostrando que, para o

afrodescendente, a realidade se repete em um círculo vicioso: os ancestrais viviam nas senzalas, nas propriedades dos grandes fazendeiros, em situações precárias; eram humilhados, subjugados e submetidos a situações degradantes de trabalho, além de serem proibidos de praticar seus rituais e se verem obrigados a assimilar a religião católica europeia.

Em um passado mais recente, observa-se a liberdade de culto como preceito constitucional na sociedade brasileira, o que implica uma liberdade maior aos afrodescendentes em relação às práticas religiosas de matriz africana. No entanto, os afrodescendentes ainda não estão inseridos de forma digna na sociedade. Assim, recebem salários precários, moram de forma precária e vivem com o mínimo possível, sem uma certeza de estabilidade no futuro. Essa situação aparece, no romance, por exemplo, no desfavelamento que a Firma Construtora promove, com a consequente retirada dos moradores da favela, como se pode ver no trecho a seguir:

Totó, moço de tantas coragens, moço de tantas proezas e aventuras, continuou na outra banda do rio. São, salvo e sozinho. Continuou ali covarde, sem muita coragem de voltar ao rio e à vida.

- Maria Velha, dizem que a vida é um perde e ganha. Eu digo, que a vida é uma perdedeira só, tamanho é o perder. Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado o trabalho de escravo nos campos. Perdi um lugar, uma terra que pais de meus pais diziam que era um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre e sol forte... E hoje, agora, a gente perde um lugar de que eu já pensava dono. (EVARISTO, 2006, p. 32).

No excerto em análise, o rio que Totó cruza pode ser interpretado como remetendo a duas formas de travessia. A primeira remete a uma realidade mais distante, quando os negros foram retirados da África e traficados para o Brasil na época da escravidão, mudando completamente de vida para pior, já que perderam seu espaço de origem, seu grupo e boa parte de seus costumes. A outra travessia é a mudança do campo para a cidade que, mesmo após a Abolição da escravidão no Brasil, foi frustrada. Isso ocorreu devido às péssimas condições que esperavam os afrodescendentes no meio urbano brasileiro. Ao cruzar o rio, deixando o campo e indo para a cidade, Totó realiza uma travessia que, ao fim e ao cabo, não o leva a uma condição de vida que se distinga daquela travessia feita pelos negros no passado. Até porque, em ambos os casos, a travessia resulta de uma imposição de ordem econômica, social e étnica que pesa sobre o homem negro.

Assim, benefícios significativos para os personagens não existem. Prova disso é a marginalização a que a grande maioria dos moradores da favela é submetida. É essa realidade de injustiça social que Maria-Nova recria em narrativa literária para guardar uma memória do negro silenciada pela memória oficial.

Toda a obra se revela pela voz de Maria-Nova já adulta, que traz inúmeras lembranças tanto daquele passado distante vivenciado nas senzalas e revelado a ela por Tio Totó e Maria-Velha quanto daquele com o qual ela teve contato na favela, na época em que era criança, o qual deixou nela marcas que a acompanham ao longo de toda a narrativa. Essa situação de miséria a incomoda, marcando-a para sempre, já que a destruição dos barracos, no processo de desfavelamento, promoveu a perda do próprio espaço onde vivia, a base onde se sentia segura, o qual possibilitava a construção da sua identidade.

Percebe-se, ao longo da obra, a vontade constante da narradora de lembrar, por meio da escrita, instrumento de rememoração eleito para tal. Essa menina, depois adolescente e depois mulher, anota tudo o que lhe chama a atenção, ouve as histórias contadas pelos mais velhos, observa atentamente o seu cotidiano. Ela guarda fatos e tem a certeza de que eles serão reconstruídos no futuro, por meio da escrita. Quando adulta, Maria-Nova elabora uma obra repleta desses vestígios do passado. Com isso, o leitor tem conhecimento dos acontecimentos através da metamemória elaborada por ela. Segundo Catroga, a metamemória “define as representações que o indivíduo faz da própria memória e o conhecimento que tem e afirma ter desse fato.” (CATROGA, 2001, p. 43-4). Isso ocorre várias vezes, em várias partes do livro, como pode ser constatado nos seguintes trechos:

Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de selecionar: selos e as histórias que ouvia. (...)

Aquelas histórias ela colecionava na cabeça e no fundo do coração, aquelas ali haveria de repetir ainda. (EVARISTO, 2006, p. 35).

Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso por tudo para fora, porém como, como? (EVARISTO, 2006, p. 73).

Como se vê, Maria-Nova tem consciência da necessidade de escrever para dar visibilidade àquela vivência na favela, mas ela tem consciência vaga de todo o processo que será percorrido. Além do mais, de duas coisas importantes ela tem certeza: de que aquela história que será contada um dia não é só dela, mas de toda a coletividade da favela e de que existe uma memória subterrânea que emergirá em oposição a uma memória oficial, representada, na narrativa, pelos selos que ela coleciona. A memória oficial está nítida no cotidiano da sociedade, mas a subterrânea, relacionada à vida dos negros, somente virá à tona por meio do livro que Maria-Nova escreverá.

Assim, o que está materializado na obra são resquícios do passado, porque, após tantos anos, Maria-Nova não consegue se recordar de tudo. Há fatos que realmente aconteceram e que serão recriados pela narradora a partir de um presente narrativo que, sem dúvida, interferirá na maneira como ela se recorda:

Eu me lembro de que ela vivia entre o esconder e o aparecer atrás do portão. Era um portão velho de madeira, entre o barraco e o barranco, com algumas tábuas soltas, e que abria para um beco escuro. Era um ambiente sempre escuro, até nos dias de maior sol. Para mim, para muitos de nós, crianças e adultos, ela era um mistério, menos para Vó Rita. (EVARISTO, 2006, p. 19).

Aqui, é possível verificar que a narradora conta o ocorrido e deixa claro que o narrado é proveniente de uma lembrança estimulada por meio de lugares, fatos e objetos. Em seguida, ela expõe, a partir de seu presente de adulta, a impressão que tinha dos fatos quando criança e as impressões de algumas personagens que, como ela, também observavam a realidade. Dentre essas personagens, a narradora Maria-Nova distingue Vó Rita, que, para ela, possuía uma visão mais amadurecida e completa da realidade em que estavam todos inseridos.

Ao recriar os fatos, a narradora lembra a partir do presente e analisa-os, recriando o passado de maneira crítica. Segundo Catroga, “tal mecanismo impõe que a memória seja sempre seletiva. Ela nunca poderá ser um mero registro, pois é uma *representação* efetiva, ou melhor, uma representificação, feita a partir do presente e dentro da tensão tridimensional do tempo.” (CATROGA, 2001, p. 46 – destaques do autor).

Nesse contexto, as memórias de Maria-Nova fazem emergir memórias que foram esquecidas pela História oficial, já que, se a memória é seletiva, a oficial excluiu dela a presença negra. Por isso, para romper com essa História oficial, Maria-Nova se incumbiu de trazer ao presente essas memórias negras. Com essa ação, a narradora preenche as lacunas deixadas pelo esquecimento da História oficial, subvertendo-a. Para isso, ela recria a história de sua vida, dando-lhe tratamento estético e assumindo uma postura ética de dar voz aos excluídos.

3.2 O narrador como o principal agente da reminiscência

O fio condutor da narrativa é a voz de Maria-Nova e suas memórias. Ela é uma narradora-personagem, mas, quando se refere a si mesma no tempo em que era criança ou adolescente, distancia-se de si, usando a terceira pessoa. Como a narrativa se concentra no passado durante a maior parte do tempo, o texto aparece quase todo em terceira pessoa. A primeira pessoa raramente aparece e, quando isso ocorre, ela se destaca pela análise dos acontecimentos passados, narrados em terceira pessoa. É como se, ao narrar em terceira pessoa, a narradora buscasse trazer os fatos para o presente com a neutralidade demandada pelo processo de análise. Trazidos para o presente, os fatos serão analisados a partir da posição de primeira pessoa que a narradora assumirá com esse fim. Observa-se, então, um desdobramento no foco narrativo, cujo objetivo acreditamos ser o de lembrar e, concomitantemente, analisar o passado à luz do presente, como se percebe na seguinte passagem do romance:

Hoje, a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!

Havia as doces figuras tenebrosas. E havia o doce amor de Vó Rita. Quando eu soube, outro dia, já grande, já depois de tanto tempo, que Vó Rita dormia embolada com ela, foi que me voltou este desejo dolorido de escrever. (EVARISTO, 2006, p. 20).

A perspectiva narrativa adotada por Maria-Nova aproxima-a do narrador tradicional, de Walter Benjamin. Sobre esse narrador afirma o filósofo:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente a sua vida sem sair de seu país e que conhece suas histórias e suas tradições. (BENJAMIN, 1994, p. 198 – destaques do autor).

A narradora de **Becos da memória** se encaixa no segundo grupo apresentado por Benjamin, já que fala dos costumes e das tradições de uma favela brasileira, seu espaço de origem, revelando detalhes sobre ele. Como ela tem contato direto com o que narra, porque vivenciou aquele local por vários anos, ela se coloca muito próxima do narrado, ou seja, da vida simples das pessoas da favela, tendo mesmo intimidade com elas, como se observa na passagem abaixo:

Maria-Nova crescia. Olhava o pôr-do-sol. Maria-Nova lia. Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa. Fechava o livro e saía. Torneira de baixo ou torneira de cima? Hoje estou para o sofrimento. Vou ver Vó Rita. Vou pedir que me leve até a Outra. Posso também ir olhar a ferida que o Magricela tem na perna. (EVARISTO, 2006, p. 35).

A narradora conta várias histórias e tradições de seu povo. Essas histórias, principalmente as familiares, vêm do passado e são projetadas por ela no futuro. Essas heranças provocam um sentimento de pertença, continuidade em relação àquele grupo e, retratadas agora pela escrita, poderão ser contadas de geração a geração. Assim, sendo a memória ativa, não há separação entre passado, presente e futuro. Através da recordação, o futuro também será projetado a partir de antigas esperanças. Isso porque o passado está ainda vivo e se funde com o presente.

Maria-Nova, quando criança, reflete muito sobre a própria vida, o próprio destino, revelando seus pensamentos e sentimentos. Na passagem acima, a narradora-personagem reflete sempre sobre quais lugares darão a ela mais eventos novos que despertem a sua curiosidade. O objetivo dela é buscar acontecimentos

que lhe trazem “mais dor”: “Maria-Velha parece que adivinhava os desejos de Maria-Nova. E quando a menina estava para o sofrer, a tia tinha tristes histórias para lembrar. Contava com uma voz entrecortada de soluços. Soluços secos, sem lágrimas”. (EVARISTO, 2006, p. 35-6). A partir desses sentimentos, Maria-Nova refletirá, deixando-os cravados na memória para recontá-los no futuro. Ela, na história, é uma colecionadora de selos, que são vistos como símbolos de arquivo ao longo da História, e de histórias através da audição, da leitura e da observação do cotidiano.

Quando se refere a si mesma como adulta, Maria-Nova usa a primeira pessoa do singular e do plural, misturando-se aos moradores da favela, analisando de perto toda aquela realidade em que eles vivem, sem voz, sem vez e totalmente manobrados por forças externas, como a Firma Construtora que realiza o desfavelamento.

Nesses momentos, temos uma narradora que testemunha não somente os costumes e as tradições de seu povo, mas que também os recria em histórias com enredos fragmentados.

Vejamos um trecho da obra em análise em que a narradora assume a perspectiva da testemunha: “Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita (...). Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela.” (EVARISTO, 2006, p. 20-1). A narradora, nessa passagem, assume uma atitude política, contando a história de pessoas comuns que lutam por sobreviver em condições extremamente desfavoráveis, miseráveis. Para Maria Nazareth Soares Fonseca,

A menina de olhar atento retém as imagens que, mais tarde, já como mulher, irão compor o plano no qual as vidas subterrâneas emergem para expor a sua experiência. Os fatos recordados são acolhidos com a generosidade de quem pôde observar as vidas daqueles que formam o grande grupo de excluídos, mas com o cuidado de registrar os acontecimentos de um lugar que também preserva os sonhadores e os contadores de histórias. (FONSECA, 2006, p. 13).

Maria-Nova é uma personagem complexa e nos surpreende ao longo da obra lida, já que sua personalidade vai se modificando gradativamente. À medida que o enredo avança, ela vai ficando cada vez mais crítica em relação à situação dela e de

seu segmento étnico-racial na sociedade. Essa mudança gradativa da personagem reflete-se também na forma como ela narra. A esse propósito, encontramos, na obra, três tipos de discurso, os quais aparecem, às vezes, simultaneamente: o discurso direto, o indireto e o indireto livre. Em função da simultaneidade com que esses discursos aparecem, muitas vezes, o leitor tem dificuldade de saber qual deles está sendo utilizado, como no trecho abaixo.

A professora pediu que ela explicasse melhor, que contasse em mais detalhes. Maria-Nova fitou a professora, fitou seus colegas, havia tantos, aliás, alguns eram até amigos. Fitou a única colega negra da sala e lá estava a Maria Esmeralda entregue à apatia. Tentou falar. Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço. (...) Assentou-se, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? (EVARISTO, 2006, p. 137-8).

Nesse trecho, a narradora reproduz o discurso da professora: “A professora pediu que ela explicasse melhor, que contasse em mais detalhes”. O objetivo dela é fazer uma crítica ao discurso da professora, o qual porta o discurso oficial, que não condiz com a realidade em que Maria-Nova vive. Em contraponto ao discurso da professora, a narradora insere sua própria voz na narrativa. Entretanto, como se reporta a ela do presente narrativo, parece optar por inserir sua voz mantendo o distanciamento temporal da infância.

Assim, o pensamento de Maria-nova criança é trazido para o presente narrativo sem uma pontuação específica que marque onde termina a sua voz e onde começa a voz da narradora adulta, numa construção discursiva indireta livre: “Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço.” Essa simultaneidade de discursos tem o objetivo estético de mostrar que a motivação para a escrita resulta não somente como um desejo do passado que se realiza no presente, mas também de uma necessidade de escrever que perdura ainda para a narradora-personagem. Por isso, a indagação apresentada na última sentença da citação é proferida num discurso direto que elimina a distância que a narradora adulta estabelece com sua infância e projeta, no presente narrativo, a própria ação atual da narradora de escrever as memórias: “quem sabe escreveria esta história um dia?”.

Assim, às vezes, o leitor tem contato com o discurso direto, em seguida, com o indireto e depois com o indireto livre. Nesse processo, a construção discursiva se dá por acumulação e sobreposição de vozes, instalando na narrativa uma polifonia por meio da qual a narradora dá voz às personagens, mas também reproduz as vozes delas, além de misturar sua própria voz às das personagens. O texto confronta discursos e alterna focos narrativos diante dos olhos do leitor. O efeito do uso dessa construção discursiva acumulativa é recriar, em texto, a estrutura da favela, com becos diversos que podem levar o leitor a locais sempre diversificados e novos.

3.3 A memória na contramão da História

Na obra em análise, pode-se dizer que há uma ligação pessoal e subjetiva da narradora com a dimensão temporal e histórica do segmento social afrodescendente, a qual ela revitaliza em perspectiva sócio-crítica, por meio das dicotomias negros x brancos e ricos x pobres que sempre acompanhou os afrodescendentes na História brasileira. E ela o faz a fim de que a história desse segmento étnico-racial não seja esquecida. Com isso, a narradora traz para a contemporaneidade um debate a respeito de injustiças, discriminações e diferenças. Trazer esse assunto à luz da discussão implica propor um diálogo entre o passado da recordação e a vida presente. Sobre essa ótica, passado, presente e futuro estão interligados na lembrança de um passado que necessita ser revisto de maneira questionadora, dos efeitos desse passado para o presente, e ainda, da necessidade de se projetar um futuro diferente, no qual o negro tenha voz:

A menina encarou o homem nos olhos e a fundo. Depois olhou o corpo de Tio Totó estendido na mesa. Olhou todos em volta. Olhou novamente Negro Alírio. Quis falar com ele sobre o que havia decidido. Calou, sabendo, entretanto, que iria adiante. Um dia, e agora ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova, um dia, escreveria a fala de seu povo. (EVARISTO, 2006, p. 161).

Aqui, o passado da escravidão está representado por Tio Totó, que muito ajudou Maria-Nova a reconstruí-lo para seguir em frente, na tentativa de entender a realidade de seu povo ao longo da História do Brasil. O sofrimento dele motiva a narradora a buscar uma vida melhor não só para ela, mas também para todos aqueles que se encontravam do lado dela, compartilhando do mesmo modo de vida. Por isso, ela sentia que precisava escrever e que sua escrita seria a arma de que precisava para buscar um futuro melhor.

Essa atitude da narradora de trazer para a cena literária essa situação subverte a História, que, muitas vezes, apresenta um discurso oficial como sendo único e inquestionável. Através da memória subterrânea dos habitantes da favela, a narradora atualiza o acontecimento histórico da escravidão passada e de seu corolário, a favelização, por meio de questionamentos, e subverte o caráter universal da História e o silenciamento que ela impôs às vozes dos negros. Isso ocorre porque “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto, e a história só conhece o relativo.” (NORA, 1993, p. 9). Observe a diferença em relação à obra em análise e o trecho a seguir, retirado de um livro de História do Brasil:

Assim, a escravidão já não satisfazia como fonte de mão de obra: o escravo era muito caro e não rendia o suficiente para cobrir as despesas necessárias à sua manutenção; além disso, representava uma parcela de capital empatado, sujeito à perda total ou parcial, por morte ou invalidez. Por esses motivos, os fazendeiros do interior e do oeste de São Paulo, mais prósperos que os da região do Vale do Paraíba, começavam a utilizar em suas propriedades mão de obra fornecida pela imigração europeia, mais rentável que a mão de obra escrava. A escravidão já não era o esteio indispensável à economia do Brasil. Pôde, portanto, ser abolida. No dia 13 de maio de 1888, submetido à pressão enorme da opinião pública, incentivada pela imprensa que se manifestava em favor da resolução imediata do problema servil, o governo promulgou a Lei Áurea, que marcou a extinção da escravatura no Império brasileiro. (LEONEL, 1995, p. 257).

Nota-se, no trecho em destaque, que a preocupação maior do governo, quando da promulgação da Lei Áurea, é com os proprietários de escravos e não com os alforriados. Em um trecho anterior, presente no livro de **História do Brasil** (1995), o mesmo autor afirma que os senhores chegaram a receber indenizações por terem perdido seus escravos. Apenas em um texto complementar, e muito

rapidamente, o livro retrata a situação pós-abolição do negro, afirmando que esse processo significou apenas uma etapa jurídica na emancipação do escravo que, a partir de então, foi abandonado à própria sorte, obrigado a conquistar, por si, sua emancipação real. Acontece que ele estava despreparado para concorrer no mercado de trabalho e enfrentava preconceitos, permanecendo na marginalidade.

Em contrapartida, a obra de Conceição Evaristo em análise é toda dedicada à encenação da situação do negro pós-abolição, trazendo à reflexão seus anseios, suas dores, sua histórica falta de espaço na sociedade, as escolas segregadoras que ele frequenta e os subempregos a que é submetido, ganhando salários baixos, conforme se vê abaixo:

Na semana anterior, a matéria estudada em História fora a “Libertação dos Escravos”. Maria-Nova escutou as palavras da professora e leu o texto do livro. A professora já estava acostumada com as perguntas e as constatações da menina. Esperou. Ela permaneceu quieta e arredia. A mestra perguntou-lhe qual era o motivo de tamanho alheamento naquele dia. Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. (EVARISTO, 2006, p. 137 – destaques da autora).

Para retratar essa situação e torná-la o mais verossímil possível, a obra se constrói por meio de uma narradora que revela detalhes da própria vida, do espaço da favela e de seus diversos habitantes. Ela retrata detalhes da vida corriqueira, comemorações e mesmo atitudes desses moradores. Isso traz o leitor para perto do narrado e conquista sua confiança e sua crença naquilo que está sendo contado e, ainda, no modo como está sendo narrado.

Nesse processo, há a valorização da identidade de Maria-Nova inserida no seu seio familiar, ou seja, de sua memória individual e, simultaneamente, da memória coletiva dos moradores da favela, que vivem no mesmo ambiente que ela, compartilham os mesmos sonhos, as mesmas dores, os mesmos sofrimentos e passam pelas mesmas dificuldades para sobreviver. Habitantes de um mesmo lugar, Maria-Nova e seus amigos serão marcados para sempre pelas conversas, atitudes e elementos ali presentes, como as torneiras, os botecos, os barracos e os tratores da Firma Construtora derrubando tudo.

Assim, a memória privada e a pública coexistem na narrativa e são formadas simultaneamente. Segundo Catroga, “ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo, e a exigência de fidelidade, que é inerente à recordação, incita ao testemunho do outro; e, muitas vezes, a anamnese pessoal é recepção de recordações contadas por outros.” (CATROGA, 2001 p. 45).

Nessa ação de contar, a narradora torna o seu grupo mais visível para que ele não seja esquecido pelo restante da sociedade. Assim, ao trazer pequenas histórias de moradores da comunidade, forma uma maior, a da favela, inserindo esse grupo na História oficial e tornando-o parte significativa dela. A obra é um espaço para que as vozes silenciadas possam falar e mostrar a sua visão da realidade:

Maria-Nova não se sentia atraída para apanhar água ou lavar roupa na torneira do armazém de São Ladislau, ela desejava, sim, era experimentar o banho de chuveiro. A não ser a alegria dos homens que saíam dos quatinhos de banhos, ainda nus da cintura para cima e com a cabeça molhada, nada era interessante por ali. Nada para se ver. Aconteciam coisas, porém. (EVARISTO, 2006, p. 43-4).

Portanto, a memória construída por Maria-Nova tem duas características: é individualizada pela história de vida, mas, ao mesmo tempo, é socializada por retratar o coletivo em narrativas da comunidade.

A conservação da memória é exercida pelas mulheres da casa, porque a profissão de lavadeira é transmitida de mãe para filha. O mesmo acontece com o nome Maria, transmitido da tia para a sobrinha: Maria-Velha é a tia e Maria-Nova é a sobrinha. Essas ações,

A par da responsabilidade da *transmissão* e do conteúdo das *heranças* (espirituais ou materiais), são condições necessárias para a criação de um *sentimento de pertença*, em que cada subjetividade se auto-reconhece filiada em totalidades genealógicas que, vindas do passado, se projetam no futuro." (CATROGA, 2001, p. 50-1 – destaques do autor).

Assim, o individual penetra no coletivo e vice-versa. Um contribui para que o outro exista. Ao narrar, Maria-Nova não vê apenas com os próprios olhos, não sente apenas seus próprios sentimentos, mas considera também o ponto de vista dos

outros que estão ao seu redor. Para Catroga, a recordação não pode ficar apenas no ensimesmamento: “Ela deve ser acto de abertura ao outro; caso contrário o eu tornar-se-á narcísico e egoíde, atitude que quebra a relação de alteridade (e de socialidade) com que a memória o constrói, pondo em causa sua própria identidade.” (CATROGA, 2001, p. 67).

Nesse contexto, um personagem que representa a velhice, é marginalizado na sociedade, sente-se oprimido e tem baixa autoestima, mas que não pode ser esquecido é Tio Totó. Ele é muito importante porque interliga a escravidão e o tempo em que vivem na favela. Sua presença na narrativa põe novamente em cena a escravidão do Brasil, período rico em termos de memórias porque lá estão as explicações para a realidade de muitos afrodescendentes da contemporaneidade. Ele, com suas histórias, possibilita a compreensão do agora a partir do passado.

Uma observação importante da relação dele com Maria-Nova é que ela ouve as histórias dele sem interferência, evitando interrupções. Entre os dois há interesses comuns de conservar o narrado, que deve ser reproduzido por ela no futuro. A memória dos ex-escravizados não é divulgada na sociedade brasileira devido à estigmatização da memória africana e do apagamento da história dos escravizados e de seus descendentes. Por isso, é importante Maria-Nova ouvir as histórias de Tio Totó e recontá-las. Aí aparece a diferença fundamental entre memória e História:

Enquanto a historiografia reivindica a exatidão das suas leituras do passado, a memória limitar-se-á ao verossímil, pois a sua retrospectiva não coloca entre parênteses as paixões, emoções e afectos do sujeito-evocador, baseando-se no seu critério de objectividade, mais na idoneidade do narrador, do que nos argumentos racionais, característicos das estratégias de convencimento postos em ação pelas narrativas historiográficas. Para isso, dizem-se fruto do distanciamento entre o sujeito e o objecto; ao invés, a memória será sempre fundamental, sacralizadora e reactualizadora de um passado que, estando ainda vivo, tende a fundir-se num eterno presente. (CATROGA, 2001, p. 54).

Baseando-se nessa diferença básica entre memória e História, pode-se afirmar que a primeira é muito mais completa do que a segunda. A partir da subjetividade e do verossímil, revela-se muito mais do que a objetividade, porque a História tenta transmitir apenas o que interessa a um certo grupo social, como a

elite, por exemplo. Já a memória escancara tudo aquilo que a História tenta esconder, porque foge ao dito oficial e se refere à sociedade de uma forma muito mais ampla e questionadora.

Nesse processo, a autora, para elaborar seu objeto estético, usa a memória, que convoca um objeto ausente:

[...] [esse] ato de recordar aceita subordinar-se ao *princípio da realidade*. Isto dita que as evocações se conjuguem no tempo passado (anteriormente) e mobilizem argumentos de veridicção, tendo em vista garantir a fidelidade do narrado. Com este propósito, elas [memória e imaginação] encobrem as *razões normativas e pragmáticas* que condicionam a sua convocação qualitativa, selectiva e apaixonada do que já não existe. (CATROGA, 2001, p. 47 - destaques do autor).

Nessa relação entre imaginação e realidade, para garantir a fidelidade do narrado, uma alternativa é usar, como marcos da realidade, alguns objetos que nos dizem muito daquela realidade que a narradora pretende revelar e, ao mesmo tempo, criticar. Na obra, a mãe, a tia e a própria Maria-Nova eram lavadeiras, apanhando, lavando e entregando trouxas de roupas nas casas das patroas. É por isso que as torneiras da favela estão presentes com muita frequência na fala de Maria-Nova, ao longo da obra:

Em frente da casa em que ela morava com Vó Rita ficava uma torneira pública. A “torneira de cima”, pois no outro extremo da favela havia a “torneira de baixo”. Tinha, ainda, o “torneirão” e outras torneiras em pontos diversos. A “torneira de cima”, em relação à “torneira de baixo”, era melhor. Fornecia mais água e podíamos buscar ou lavar roupa quase o dia todo. Era possível se fazer ali o serviço mais rápido. Quando eu estava para brincadeira, preferia a “torneira de baixo”. Era mais perto de casa. Lá estavam sempre a criançada amiga, os pés de amora, o botequim da Cema, em que eu ganhava sempre restos de doces. Quando eu estava para o sofrer, para o mistério, buscava a “torneira de cima”. (EVARISTO, 2006, p. 19-20 – destaques da autora).

À medida que crescia, a menina anotava tudo o que ouvia e vivenciava tanto na própria casa quanto nas adjacências, a favela, para, mais tarde, transformar tudo isso em literatura. No trecho a seguir, há uma invocação de um fato que a narradora-personagem observou no passado e que já não existe, mas pode ser verificável na contemporaneidade, já que alguns afrodescendentes lutam para viver em igualdade

na sociedade, mas a grande maioria permanece em silêncio, aceitando a condição que foi imposta aos negros por teorias racistas e pelo senso comum eurocêntrico:

Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu um certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (EVARISTO, 2006, p. 70).

Mesmo depois de mais de cem anos de abolição, é possível perceber que muitos afrodescendentes ainda vivem uma realidade de exclusão, parecida com a das senzalas. No excerto em análise, o tempo predominante é o psicológico, característica que se repete ao longo de toda a obra, já que ela relata os fatos de um passado recente, mas, ao mesmo tempo, faz uma releitura do período escravocrata brasileiro, associando a casa-grande dos senhores e as senzalas dos escravos a, respectivamente, os bairros e a favela. Com isso, a obra revela ao leitor que o problema de exclusão se arrasta ao longo da História, reservando aos afrodescendentes os lugares marcados pela miséria e pelos sofrimentos dela decorrentes.

Nesse excerto em questão, a narradora ainda não se sentia à vontade para revelar o que a incomodava, porque era minoria na classe, e a única colega negra era uma pessoa alienada, mas essa discrepância entre as duas realidades já a incomodava, ecoando dentro dela, e tinha que ser, um dia, exposta em uma escrita que revela o comprometimento étnico-racial da narradora. Assim, ao deixar a sua voz emergir no presente, a narradora traz para a cena literária a história e a voz de várias pessoas que, como a dela, foram silenciadas no passado.

A obra é, então, uma tentativa de preservar as histórias desse povo proveniente de fazendas de ex-escravos, representado por Tio Totó, Mãe Joana e Maria-Velha, que, na tentativa de obter vida nova na cidade, vai parar na favela, local anônimo no contexto narrativo para representar todos os favelados, espaço

repleto de problemas, dor e sofrimento, mas também de solidariedade. Guardar essas histórias é uma forma de resistência ao silenciamento e à desvalorização da cultura e da vida dos afrodescendentes ao longo da História.

A obra é fragmentada e elaborada a partir de histórias diversas, ou de episódios narrativos relacionados às pessoas simples da favela, mas o foco central é Maria-Nova, depois sua família e, por último, o entorno dessa família, ou seja, o ambiente em que ela se encontra.

É importante ressaltar também que a memória é seletiva, por isso nunca poderá ser considerada como um mero registro. Ela é re-presentificação afetiva elaborada a partir de um tempo distante em que os fatos ocorreram, organizando o aleatório, o casual, atuando como se, nesse processo, não houvesse lacunas deixadas pelo esquecimento:

Na relação que mantém com o passado, a memória humana é sempre conflitiva, dividida entre um lado sombrio e outro ensolarado: é feita de adesões e rejeições, consentimentos e negações, aberturas e fechamentos, aceitações e renúncias, luz e sombra, ou, dito mais simplesmente, de lembranças e esquecimentos. (CANDAU, 2011, p. 72).

Tanto a História quanto a memória presentificam o passado através de indícios e traços. Ambas tentam ordenar retrospectivamente o caos dos acontecimentos. Nesse processo, nas duas ações, de recordar e de historiar, há um mundo aberto de possibilidades. Por isso, como é impossível captar tudo nos dois processos, o esquecimento não é exclusivo da memória, mas também da História. Assim, encontramos, na obra em questão, uma mistura do factual com o ficcional.

Nesse contexto, o episódio sobre o qual se organiza todo o enredo é o desfavelamento. Esse fato causa medo, desconforto, angústia e insegurança a todos os moradores da favela. Esses sentimentos são apreendidos pela narradora e se alastram para as falas e os sentimentos de todos os personagens, principalmente de Tio Totó, que é o que mais sofre por ter de se mudar mais uma vez e começar novamente a sua vida. Mesmo sendo uma menina de aproximadamente treze anos, ela é observadora e sabe muito do que acontece naqueles becos.

Outra observação importante é que a narradora explica como fará para, um dia, registrar, em forma de memória, tudo o que ela experienciou. Segundo Candau,

“[...] cada um de nós tem ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas: aqui se trata então da metamemória”. (CANDAUI, 2011, p. 24). É essa metamemória que a narradora usa para retratar a sua memória e a memória coletiva do grupo ao qual pertence.

Não se pode esquecer ainda de que não só a memória é elaborada a partir da seleção e do esquecimento. A historiografia também passa por esse processo e, por isso, possui lacunas a serem preenchidas por outros discursos, como o da literatura, por exemplo. Veja o que Catroga afirma sobre esse assunto:

Por sua vez, tanto a recordação como a historiografia constroem *representificação* a partir da interrogação de *indícios* e *traços*; e, fazem-no dentro de uma experiência de tempo que é indissociável da memória e das expectativas. O que implica a existência, em ambas, do mesmo intento de ordenar (retrospectivamente) o caos dos acontecimentos. E, como tudo isto é mediado pelo presente, o recordar e o historiar oferecem ao passado um mundo aberto de possibilidades. Nesta perspectiva, cair-se-á num outro tipo de ingenuidade epistemológica: pensar que a dialética entre recordação e esquecimento é um pecado exclusivo da memória. Também a historiografia, apesar de falar em nome da razão crítica, se edifica sobre silêncios e recalamentos, como a História da História tem sobejamente demonstrado. (CATROGA, 2001, p. 57 – destaques do autor).

Na obra, o mundo é retratado como se fosse realidade, sem sê-lo. Mesmo assim nos revela muito dessa realidade cruel, com vários problemas que avassalam a sociedade e a alma humana, fragmentando o indivíduo ao longo da História. Por isso, há uma grande importância em valorizar o passado, retomando-o e refletindo sobre ele, para se avançar ainda mais em relação ao futuro em busca de uma vida melhor.

4 A IDENTIDADE NEGRA EM CONSTRUÇÃO

Eu sou negro sim sou negro
E não admito chacota
Minha cor é linda firme
É saúde e não desbota.
(ASSUMPÇÃO, 1992, p. 7).

O principal foco deste capítulo é verificar como a cultura das personagens afro-brasileiras é encenada na obra **Becos da memória** e que novas identidades surgem a partir da fragmentação do sujeito. Será observado também o eu enunciador que se afirma como negro nessa obra, como um sujeito que compromete sua consciência na luta antirracista, está atento aos preconceitos e à conseqüente cristalização de estereótipos. Além do mais, será analisado se esse eu dá ênfase à criação diaspórica, à origem de sua cultura ou apenas ao teor de melanina na pele.

4.1 O negro: de objeto a sujeito na literatura

No Brasil, o negro foi interdito no seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata. Ademais, após o fim da escravidão, ele não teve garantias de condições reais de trabalho, moradia, alimentação e vestuário. Assim, não foi inserido nos quadros sociais da sociedade brasileira, mantendo-se em condição de marginalidade. Além disso, logo após a assinatura da Lei Áurea, a manifestação de seu costume virou caso de polícia e, ainda hoje, como na literatura eurocêntrica, por exemplo, em que tem a sua presença praticamente negada, ele sofre várias limitações devido ao racismo velado existente em nosso país.

Na contramão dessa realidade, a obra **Becos da memória** mostra que é impossível apagar a trajetória dos africanos e de seus descendentes no Brasil porque, por meio da recriação de uma fatia dessa história, ela retira o negro da invisibilidade. Além disso, o próprio processo de escrita da obra, no qual uma narradora negra assume a escrita, pode ser pensado como resultado de um ato de transformação da marginalização em poder, na medida em que encena uma

situação em que o negro apodera-se da palavra e se mostra através dela. Sobre esse assunto, Homi Bhabha afirma:

Quero voltar-me para esse processo pelo qual o olhar de vigilância retorna contra o olhar deslocador do disciplinado, em que o observador se torna observado e a representação “parcial” rearticula a noção de identidade e a aliena da essência. (BHABHA, 2006, p. 134 – destaques do autor).

Na obra em análise, o negro é retratado como sujeito da enunciação, com uma história de vida e com uma identidade híbrida que se formou ao longo dessa história que está inserida na História oficial. Essa atitude “reverte os efeitos da recusa dos donos do saber e do poder de modo que outros saberes ‘negados’ se infiltrem no discurso dominante e tornem a base de sua autoridade – suas regras de reconhecimento.” (BHABHA, 2006, p. 165 – destaques do autor). É a partir da memória que essa identidade é reconstruída e questionada, como no trecho em que a voz de Tio Totó, contando a própria história, é reproduzida por meio da fala da narradora Maria-Nova:

Quando Tio Totó se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na “Lei do Ventre Livre”. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida e nem ele. (EVARISTO, 2006, p. 23-4 – destaques da autora).

Ao longo do texto, Totó vai revelando as suas angústias, as suas dores e as experiências dos negros, principalmente as de si mesmo. Com esses relatos, ele reconstrói a sua identidade e possibilita que Maria-Nova também possa entender as trajetórias de seus ancestrais e construir a sua própria identidade. Outras duas características importantes da obra é que o negro está sempre se mudando, demonstrando que ele não é dono de espaço algum. Além disso, há a solidariedade constante entre eles. Essa nuance dos negros perpassa todo o enredo. Um dos agentes dessa solidariedade é Vó Rita:

Dormiu. E foi Vó Rita que veio no seu último sono-sonho ali na favela. (...).

E eis que ela chegou pé ante pé. Grandona, gorda, desajeitada. Abriu a blusa e, através do negro luzidio e transparente de sua pele, via-se lá de dentro um coração enorme.

E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens.

Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos...

Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira. (EVARISTO, 2006, p. 167).

Um aspecto relevante que depreendemos das histórias narradas por Maria-Nova refere-se à identidade assumida pelo negro na contemporaneidade. Nela ele se apresenta como sujeito de uma enunciação própria, que é e se quer negra. Essa identidade se opõe àquela do escravo passivo e dócil da época da escravidão e mesmo depois dela, rompendo com a postura subalterna anteriormente atribuída ao negro. O discurso dele nessa nova identidade assume postura ideológica, clara e forte, a qual revela sua condição e a da cultura afro-brasileira no país. Com essa nova atitude, o negro sai da condição de vítima retratada pela literatura eurocêntrica e passa a agir em defesa de seu espaço na sociedade que lhe é de direito:

Tio Tatão ainda narrava a história de uma outra guerra. Aquela em que muitos escravos participaram da peleja. Foram com a promessa de que, quando voltassem, ganhariam a liberdade. Guerrear foram, havia a promessa de alforria. Muitos negros morreram na época e os que voltaram puderam perceber que a conquista da liberdade pedia não somente a guerra que eles haviam participado, mas uma luta muito particular, a deles contra a escravidão. (EVARISTO, 2006, p. 56).

Sabe-se que, durante a escravidão, o negro foi obrigado a seguir, por exemplo, a religiosidade branca, mas teve uma atitude de resistência, praticando tanto seus ritos religiosos quanto a religiosidade europeia. Essa mistura se perpetua até os dias atuais, como vemos no trecho:

Lembravam-se de deuses negros, reais, constantes e tão diferentes daquele Deus-Jesus de que tanto falavam os senhores e os padres (...).

- É Miquilina, se agarra à menina Catita, eu me agarro aos trapos. Santa Bárbara há de nos ajudar! ... (EVARISTO, 2006, p. 25).

No trecho em destaque, a fala de Tio Totó mostra que, no momento de desespero, a personagem acredita tanto em deuses de matriz africana quanto em santos de matriz europeia, como Santa Bárbara. Através dessa fala, percebemos que a atitude do negro foi manter laços com a cultura de matriz africana como forma de resistir à perda provocada pela violência do desarraigamento do continente africano e da imposição de uma cultura europeia como tentativa de apagamento da sua.

A partir da análise de passagens ao longo do enredo, como a supracitada, verificamos que a identidade branca oficialmente registrada e imposta pelos europeus não existe, já que a identidade é aberta e se desloca constantemente. Nesse processo, assistimos na narrativa à construção de uma identidade que não é nem a branca nem a negra, e sim uma nova, híbrida. No hibridismo, em que as diferenças culturais se tocam de forma tanto complementar quanto conflituosa, nessa experiência de fronteira, o negro resiste à oposição binária e polarizada proposta por grupos raciais e culturais homogêneos e revela a complementariedade entre as culturas.

No romance, a identidade negra é mostrada através de costumes de matriz africana, como ocorre no excerto a seguir: “O samba, o som, a alegria voavam alto. (...) O som do pandeiro, da cuíca, do atabaque, das vozes saíam de dentro de todos.” (EVARISTO, 2006, p. 70).

Assim, aquela cultura eurocêntrica vista como modelo identitário é desconstruída, enfraquecida, e aquela identidade que era considerada inferior se torna cada vez mais forte, mostrando-se cada vez mais, ganhando espaço no contexto narrativo e, por meio dele, projetando na sociedade um modo de ser negro que recupera, para os afrodescendentes, um espaço que lhes é de direito na sociedade e que lhes havia sido retirado, principalmente na época da escravidão, quando o negro foi calado e proibido de manifestar suas crenças, religiões e costumes e foi obrigado a seguir uma cultura branca ocidental que lhe impunha os seus costumes. Segundo Domingos Proença Filho,

Como os demais grupos étnicos, ele [o negro] é parte da comunidade que fez e faz o país. Se a luta em que se empenha se tornou contínua e

necessária, isto se deve, como é sabido, ao fato de ter-se tornado alvo de tratamento social e historicamente discriminatório. (FILHO, 2004, p. 186).

Hoje, devido ao processo de hibridação, sabe-se que não existe, por exemplo, uma prática religiosa ou um costume melhor ou pior do que o outro. Reconhece-se atualmente que o povo brasileiro foi exposto, ao longo de sua formação, a costumes que não possuíam fronteiras, tendo sido influenciado tanto pelas antigas culturas europeias quanto pelas africanas. Ambas têm a sua importância na formação da identidade do brasileiro, e é isso que fica claro na obra de Conceição Evaristo, que nega estereótipos passivos e submissos historicamente creditados ao povo negro pela cultura branca, antes possuidora da identidade legitimadora. Segundo Bhabha, “a ameaça paranoica do híbrido é finalmente impossível de ser contida porque destrói a simetria e a dualidade dos pares eu/outro, dentro/fora.” (BHABHA, 2006, p. 168).

Sobre esse mesmo assunto, Stuart Hall afirma: “à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural.” (HALL, 2005, p. 74). Na obra em análise, essa ideia fica muito clara. Nela a oralidade se faz presente quando é encenada a fala principalmente das pessoas mais velhas da favela, que raramente tiveram acesso à escola:

Antônio João da Silva tinha uma letra bonita e sabia soletrar alguma coisa. Dava trabalho ler. Juntar letra por letra e no final a palavra. Depois juntar palavra por palavra e, no final, debaixo das palavras em ajuntamento, surgia algum pensamento, algum dizer bonito ou alguma bobagem. (EVARISTO, 2006, p. 24).

Essa é uma característica da identidade de algumas culturas ágrafas existentes no mundo. É o caso, por exemplo, de alguns segmentos indígenas e negros da população brasileira, que fazem uso da oralidade para contar a sua história, preservando, assim, sua tradição através da transmissão oral dessa identidade cultural aos mais jovens. Na obra, essa oralidade recupera ainda algumas expressões tradicionais, como os provérbios, os ditados populares e que aparecem

ao longo da narrativa. Observe alguns exemplos: “*MAIS VALE UM CACHORRO AMIGO DO QUE UM AMIGO CACHORRO.*” (EVARISTO, 2006, p. 24 – destaques da autora). “Dormia com o seu próprio olho e, quando um estava fechado, o outro estava aberto, abertinho.” (EVARISTO, 2006, p. 106).

Entretanto, ao mesmo tempo, a narradora Maria-Nova coloca-se como alguém que teve acesso à escrita formal para produzir sua obra, já que é através dela que transmite os costumes e as vivências do seu grupo para além dele. Isso nos mostra o processo híbrido de construção narrativa encetado por Conceição Evaristo, no qual a contação de histórias é deslocada para a literatura escrita. Esse processo de deslocar a linguagem oral de seu ambiente natural – desterritorializá-la – e levá-la para um outro ambiente – reterritorializá-la na escrita – é típico da literatura menor, defendida por Deleuze e Gatarri, que afirmam: “A literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. No entanto, a primeira característica é, de qualquer modo, que a língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização.” (DELEUZE & GATARRI, 1977, p. 25).

Há, com esse processo de desterritorialização da linguagem oral promovido pela narrativa **Becos da memória**, um uso da língua portuguesa que, apesar de marcado pelas convenções da escrita, é atravessado pela oralidade. A atitude de elaborar a obra dessa forma pode ser vista como uma postura crítica de Conceição Evaristo em relação à língua modelar, padrão, para rasurá-la e dar visibilidade à diferença afro-brasileira recriada na narrativa por meio do recurso à oralidade:

(...) pela diferença, reitera-se a exigência de a cultura nacional abrir um espaço que valorize a identidade afro-brasileira. Identidade construída a partir de uma história de ancestralidade africana que, cultural e fisicamente, reivindique a visibilidade de suas raízes. O posicionamento afirmativo dos indivíduos em torno de valores pessoais e culturais poderá favorecer uma igualdade política, econômica e social e a preservação de sua diferença. (FIGUEIREDO & FONSECA, 2002, p. 15).

Nessa linha de pensamento, observa-se também, na obra, a presença de certas práticas da cultura de matriz africana que foram silenciadas tanto pela literatura quanto pela História oficiais, mas que, ao longo da História brasileira, foram misturadas a práticas da cultura branca e incorporadas à cultura geral brasileira.

Assim, ao retratar a memória coletiva, a autora nos revela muito das tradições, valores, práticas e saberes que remetem à cultura africana, para não permitir que seja apagada a parte da mistura étnica brasileira que remete à cultura negra. Os próprios personagens, ao longo da história, tentam preservar valores dessa cultura. Uma das saídas é o incentivo à formação de novas famílias e a tentativa de arranjar novos filhos:

O homem velho e o homem moço foram a caminho. O velho calado, o moço mudo. O homem moço comprou um pedaço de terra, passaram a lavrar o que era de seus, pai e filho. A vida seguia calma, boa, Luís vivia a cismar coisas, a falar sozinho. O pai olhava o filho, o filho olhava o pai, os dois estavam sozinhos. O pai queria tanto que o filho casasse, tivesse mulher e filhos, se multiplicasse, continuasse a raça. Luísão da Serra cumpriu os desejos do pai. Casaria. Uma negra calma haveria de ser a bonança, a paz, a lucidez de sua loucura. Teria filhos: Maria, Tatão, Natividade, Iliada e Joana. (EVARISTO, 2006, p. 37-8).

Nesse excerto, há tanto uma tentativa de preservar traços da cultura negra quanto o resultado de um processo de hibridação ocorrido ao longo da História. Essa característica se encontra nos nomes dados aos filhos de um afrodescendente. Maria, por exemplo, é um nome português, e Iliada é um nome grego. Todos se encontram em igualdade de significação no contexto em que foram empregados.

Ao elaborar a obra, Conceição Evaristo faz um jogo de construção narrativa que resulta da relação de espelhamento entre ela mesma e Maria-Nova, ou seja, Maria-Nova encena, na narrativa, a atitude do escritor negro brasileiro. Assim, ao trazer para a cena literária as várias vozes que habitam a favela, mostra a possibilidade de lutar coletivamente contra os estereótipos impostos, subvertendo as definições estabelecidas pelas classes dominantes e produzindo a sua identidade com segurança e autonomia:

Ela disse se chamar Dora. Ela gostava muito do nome dela, aliás, Dora gostava muito de si própria. Ele disse se chamar Negro Alírio. Negro deveria ser apelido e Alírio o nome, mas ele dissera Negro Alírio. Gostou de ouvir a palavra negro pronunciada por um negro, pois o termo negro ela só ouvia na voz de branco, e só para xingar: negro safado, negro filha-da-puta, negro baderneiro e tantos defeitos mais! (EVARISTO, 2006, p. 89).

Esse orgulho que as personagens demonstram em relação à cor negra implica assumir uma atitude de resistência por parte dos negros, já que foi criada pelo sujeito em posição subalterna para suportar a dominação imposta por grupos detentores dos privilégios econômicos e políticos. Para isso, valores silenciados emergem no texto, a fim de ganharem mais visibilidade na sociedade e serem mais lembrados. Nesse contexto, há, no excerto, a ressignificação da palavra negro, de negativa para positiva, passando ela a ser ostentada com orgulho e não mais com vergonha.

Assim, no que diz respeito à atitude da escritora ao traçar sua obra, podemos classificar **Becos da memória** como uma literatura menor, uma vez que

As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. Vale dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que chamamos de grande (ou estabelecida). Mesmo aquele que tem a infelicidade de nascer no país de uma grande literatura, deve escrever em sua língua (...). Escrever como um cão que faz seu buraco, um rato que faz sua toca. E, para isso, encontrar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto. (DELEUZE & GATARRI, 1977, p. 28 – 9).

Na obra, a contação de história oral é substituída por uma forma de contar através da língua portuguesa escrita rasurada pela oralidade. Além disso, a escritora tem uma postura política ao trazer o negro e sua história individual e coletiva, tanto recente – na favela – quanto distante – na época da escravidão, para a cena literária, além de privilegiar, ao longo do enredo, o coletivo em detrimento do individual, ou seja, o que prevalece na obra é a história dos moradores da favela, não a de um morador específico. Com essa atitude, a autora questiona a literatura oficial, eurocêntrica, que tende a apagar e silenciar o negro em seu discurso. Além disso, o próprio negro escreve, com suas angústias, sua visão de mundo, seus questionamentos a respeito da realidade. Para isso, Conceição Evaristo, além de ser negra e escrever, cria uma protagonista negra, Maria-Nova, que é a porta-voz de todos os moradores da favela e se coloca como um duplo do próprio escritor afrodescendente.

A partir dessa ação, em **Becos da memória**, o negro começa a se redefinir como sujeito na sociedade, já que ele passa a se fortalecer e buscar mais claramente seus objetivos. Uma forma de desconstrução das regras já estabelecidas é subverter a ideia do negro como mal visto em seu meio social, como feio, mal apresentado, passando ele a assumir-se como possuidor de uma negrura bela e forte. Nesse contexto,

A literatura negra brasileira configura-se como *literatura de resistência*, ou seja, a que constrói com a matéria a cultura africana que sobreviveu na América em presença da cultura europeia e indígena. A literatura utiliza o aporte dessa cultura resistente em uma produção que servirá para singularizar um grupo, fornecendo-lhe mitos, símbolos, valores, em suma, elementos que permitem a emergência de uma imagem positiva de si próprio. (BERND, 1987, p. 86 – destaques da autora).

Veja a passagem em que Maria-Nova admira negro Alírio, com seus traços negros bem marcantes e que fogem ao estereótipo eurocêntrico:

Negro Alírio chegou numa madrugada chuvosa. Estava molhado até os ossos. Era muito bonito, tinha as características negras bem marcantes.

Maria-Nova gostou de Negro Alírio. Era uma menina, mas alguma coisa de mulher já bulia dentro de si. Do que ela mais gostou foi a boca. Ela ficou pensando em seus lábios carnudos. (EVARISTO, 2006, p. 41).

Maria-Nova fica sabendo de toda a história de Negro Alírio através da personagem Bondade, que lhe conta tudo de forma detalhada. Alírio tem sua identidade construída ao longo de boa parte do enredo do livro. O que fica mais evidente sobre ele é seu espírito combativo. É um homem que luta contra as injustiças desde a época em que morava no campo e via os coronéis cometerem arbitrariedades e até mesmo assassinar os pobres. Ele é um líder e luta em defesa do bem comum, da dignidade desses pobres. Há, ao longo da obra, a revelação da grande admiração de Maria-Nova por ele, não só pela beleza física, mas também pelas atitudes, como no caso abaixo, em que, depois de dez anos de ter presenciado o assassinato de um vizinho a mando do coronel e por ter sido obrigado pelos pais a manter silêncio em relação ao ocorrido, mas não ter conseguido se

conformar com aquela injustiça, decide liderar um grupo de pessoas para invadir a casa do homem e tentar fazer justiça.

Depois entrariam na casa e tomariam de volta toda a riqueza que era de cada um deles, pois tudo aquilo que estava ali fora construído em cima da pobreza, da miséria de cada um. Olhou a casa do Coronel e leu a riqueza, a opulência, o desperdício, o ter muito de poucos e o não ter nada de muitos. (...)

Pensou rápido. Matamos este coronel, saqueamos a fazenda e daí? Outros coronéis existem!

Respirou fundo e gritou:

- Cuidado, Coronel! A fome, a miséria, a injustiça, as derrotas que sofremos apenas fortalecem a gente para fazer a virada um dia... (EVARISTO, 2006, p. 64).

Esse trecho revela o inconformismo de Alírio com as arbitrariedades do coronel, seu vizinho, na fazenda, por ele explorar as pessoas e mandar, com frequência, assassinar seus inimigos, sempre pobres e sem influência na sociedade. O Homem, como Negro Alírio era chamado, incentivava as pessoas a se ajudarem, a cooperarem entre si. Tanto que os empregados começaram a ver que, se trabalhassem por conta própria, cooperando entre si, seria muito melhor, pois teriam mais lucro. Por isso, decidiram abandonar o coronel. Quando tudo estava sob controle, ele resolveu deixar o campo para viver e ler outras vidas. Iria ensinar aos operários da cidade um modo de viver como irmãos:

Assim foi na construção, na padaria, na fábrica de tecidos; onde quer que passasse, Negro Alírio motivava todo mundo a aprender a ler. Antes de tudo explicava que era preciso de que todos aprendessem a ler a realidade, o modo de vida em que todos viviam. Em cada local de trabalho, Negro Alírio fazia novos irmãos, se bem que entre os patrões ele sempre ganhava novos inimigos. (EVARISTO, 2006, p. 90).

Uma característica típica das sociedades tradicionais encenada na narrativa refere-se ao contato entre o velho e o novo. Na obra **Becos da memória**, o velho e o novo são representados, respectivamente, por Tio Totó e Maria-Nova. Através do contato entre eles, há diálogo, troca de experiência e amadurecimento do novo por meio das experiências contadas pelo velho, que representa a tradição, enquanto a criança representa o futuro, a esperança e a continuidade. Laura Cavalcante

Padilha, referindo-se à ficção angolana, considera como fundadora a relação entre o velho e o novo na literatura, pela qual o mundo angolano fragmentado se recria. A estudiosa explica que:

O novo e o velho, juntos e interativamente articulados, eis uma vez mais reatualizada, no corpo do novo discurso, a imagem fundadora. Restabelece-se a antiga dialogia, mas com outras implicações ideológicas, como o momento de reconstrução exige. Já não é mais possível afirmar o velho pelo velho, acriticamente, pois este velho se faz também outro, pelo processo de transformação pelo qual o novo o recria, além de ser por ele moldado. Com essa troca, a interação velho/novo se torna, nas malhas do moderno tecido-texto, cada vez mais intensa e fecundante, com a tradição e a transformação recriando-se mutuamente. (PADILHA, 2007, p. 179).

Na narrativa de Conceição Evaristo, quando Negro Alírio, ao chegar à favela, em um dia de muita chuva, hospeda-se na casa da família de Tio Totó e observa os moradores desse barraco, faz uma análise da família pela qual é possível depreender que tem consciência dessa relação dialógica entre as gerações:

Ficara impressionado com tudo: com o barracão caiado de branco, com uma cruz de madeira na parede, com a caixa de Congada, com a coroa de rei. Até bem pouco tempo, Tio Totó dançava Congada e brincava nas festas de Reis. Dentro do barracão, conviviam três gerações. Totó era, talvez, uns quarenta anos mais velho que Maria-Velha. Olhou os três e pensou que, se soubesse pintar, faria um belo quadro. Reteve a cena, teve a sensação de que diante de si estava a eternidade. Pensou que Deus é eterno sim, mas o homem de certa forma também é. A menina parecia ser a continuação dos dois. O velho e a mulher se eternizavam por meio da menina. (EVARISTO, 2006, p. 86).

A menina, a partir do contato com os mais velhos, passa a carregar em si toda a história de seu grupo social afro-brasileiro do presente, do passado e do futuro. Assim, ela, representando os que ainda virão, exigirá melhores condições de vida para esse segmento social, como afirma Tio Tatão. Os mais velhos querem lhe transmitir as experiências e reflexões sobre a vida, e ela está sempre disposta a ouvir, para continuar essa história de forma reflexiva. Veja o que Tio Tatão lhe fala:

Tio Tatão dizia que as pessoas morrem, mas não morrem, continuam nas outras. (...). Um dia ele disse, quase como se estivesse que dando uma ordem (Tio Tatão era nervoso, neurótico, de guerra):

- Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, libertam-se na vida de cada um de nós que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos. (EVARISTO, 2006, p. 103).

Na narrativa de Conceição Evaristo, a contação de histórias de um mais velho acaba alimentando o imaginário de um mais novo. Assim, os fatos antigos ressurgem na atualidade, servindo de explicação para várias situações do cotidiano, como, por exemplo, a história dos negros nas senzalas e depois nas favelas e a interligação entre essas histórias.

O interessante é que a autora privilegia essa situação ao longo de toda a obra, já que essa situação em que o velho – representado por Tio Totó ou Tio Tatão – conta, e o novo – representado por Maria-Nova – ouve aparece com frequência ao longo do enredo.

É claro que, em alguns momentos, os mais velhos resistem a algumas mudanças, como ocorre com Tio Totó, que prefere falecer a abandonar sua casa no momento do desfavelamento. Mas a grande maioria está empenhada nelas, por isso interagem com os mais novos, tentando criar, através do diálogo com eles, um espaço de vida diferente e melhor do que aquela que levam no presente e que se projeta para o futuro.

A narradora demonstra resistência social, cultural e política à dominação sócio-político-cultural branca, que trata de forma negativa a identidade do sujeito dominado. Isso é muito significativo, porque ela recupera toda uma memória que foi negada, silenciada e apagada pelo poder estabelecido ao longo da História brasileira. Por demonstrar todas essas características, o discurso da narradora busca dar voz aos excluídos e aos inferiorizados pela História oficial.

É por isso que, apesar de retratar os problemas da favela, ela dá uma atenção especial à solidariedade, tanto que, nas últimas páginas do livro, focaliza Bondade, Negro Alírio e Vó Rita, personagens emblemáticas em relação à solidariedade e à luta em prol da mudança dos moradores em sua busca por uma vida melhor. Isso nos mostra tanto a valorização da identidade negra quanto a necessidade de união dos africanos e afrodescendentes, defendendo a ideia de uma

solidariedade negra. Por isso, é preciso, “de um lado, cultivar as tradições africanas (memória coletiva) e, de outro, propor uma releitura da História e a reversão do binômio em que civilização é associada ao mundo branco e barbárie ao mundo negro.” (BERND, 1988, p. 42).

Outro elemento importante a ser ressaltado é o eu enunciativo, que se afirma como mulher negra, comprometendo-se como aquela que, ao se mostrar com essa característica étnica e de gênero e trazer o seu grupo à presença dos leitores, apresenta uma luta antirracista. Ela se mostra, valorizando tanto a sua beleza física quanto a sua capacidade de refletir sobre a realidade em que vive:

“Morrer de não viver”, a ameaça de Cidinha-Cidoca pairou por alguns instantes na cabeça de Maria-Nova. Ela começou por desmanchar as mil tranças de seu cabelo como se desmanchasse aquele mortífero pensamento. O coração arfava no peito. Maria-Nova olhou-se no pedaço de espelho. Sentiu-se bonita e triste como a mãe. Fez um carinho no próprio rosto. Não, ela jamais deixaria a vida passar daquela forma tão disforme. Era preciso crer. Vó Rita, Bondade, Negro Alírio não desesperavam nunca. Não pensaria mais na ameaça de Cidinha-Cidoca. Era preciso viver. “Viver do viver”. A vida não podia gastar-se em miséria e na miséria. Pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer. Seu coração arfava mais e mais, comprimido lá dentro do peito. O pensamento veio rápido e claro como um raio. Um dia ela iria tudo escrever. (EVARISTO, 2006, p. 146-7 – destaques da autora).

Não podemos deixar de comentar uma característica muito emblemática desse eu que se assume com propriedade como narradora na obra, contando a história de um grupo que foi silenciado devido aos limites impostos pela escravidão, é vítima de desigualdades sociais e econômicas, sendo reservados a ele os piores espaços físicos e culturais na sociedade: o fato de ser uma mulher.

Ao longo da História brasileira, as mulheres foram silenciadas, tiveram de lutar e muito para ocupar o seu espaço na sociedade e ainda hoje se encontram em desvantagem em relação aos homens em vários setores, como política e mercado de trabalho, por exemplo. Se essa mulher é negra, a inferiorização é ainda pior, já que é discriminada tanto em relação ao gênero quanto à natureza étnica, encontrando dificuldade em se firmar dignamente na sociedade em todos os setores.

Assim, estar presente na obra em análise uma voz feminina que perpassa todo o enredo é uma situação que transgride as regras pré-estabelecidas, revelando

que elas não são mais sustentáveis e precisam ser modificadas na sociedade atual. É como se a mulher negra, silenciada ao longo da História brasileira, de subjugação e discriminação, ganhasse força e ocupasse o espaço que lhe é de direito, comunicando aos outros as suas impressões do mundo.

Para alcançar esse objetivo, a autora cria como protagonista uma pessoa ativa, que ouve as histórias de seus ancestrais, lê, observa a realidade, reflete sobre ela para tentar entendê-la. É uma mulher que busca sempre as explicações para a realidade em que vive, valoriza a própria beleza e revela muitas características de si mesma e de seu grupo social, deixando clara sempre a necessidade de melhorias para que tanto ela quanto os seus tenham uma vida melhor. A escrita aqui é uma forma de resistência dessa mulher negra aos modelos socioculturais e simbólicos impostos. Ao fazer essa articulação social da diferença, a narradora promove hibridismos culturais, proporcionando um momento de transformação histórica.

4.2 Hibridismo cultural e identidade diaspórica

O hibridismo é um termo que, desde o século XIX, tem sido usado em várias áreas do conhecimento e que vem tendo o significado modificado desde essa época. Primeiramente, foi usado na Europa, na área da Biologia. Foi usado também fora desse continente, de forma eurocêntrica, promovendo a propaganda racista, fazendo paralelos de espécies humanas debilitadas com espécies híbridas de animais estéreis e plantas frágeis. No Brasil, após essas teorias, Gilberto Freire defende a democracia racial como forma de amenizar o conflito entre as raças do país. Entretanto, essa democracia passou a ser vista como forma de mascaramento da desigualdade social e racial e perpetuação do poder e da hegemonia da cultura branca.

Com o tempo, a ideia de hibridismo desenvolvida pela Biologia vai migrando para outros campos, como o da linguística, o das áreas industrial, comercial e de crítica cultural. Nessa última, desde as últimas décadas do século XX, o conceito é utilizado para descrever novas culturas criadas em regiões de intensa mistura e/ou espaço de fronteira. Nesse momento, as preocupações da crítica cultural se voltam

com frequência para as possíveis implicações de múltiplos movimentos migratórios dentro de um mesmo país, através de fronteiras nacionais e/ou continentais.

Essa é a situação da cultura negra brasileira, que sofreu diversas movimentações no percurso da África para o Brasil e, nesse espaço, no percurso do campo para a cidade, tornando-se cada vez mais híbrida em contato com as demais, como as indígenas e as europeias, e fazendo surgir a necessidade de se estudarem os processos de hibridação ou hibridismo surgidos nesse contexto para se referir, por exemplo, às práticas rituais de matriz africana e eurocêntricas que, ao mesmo tempo em que dialogam entre si, encontram-se divididas e desiguais.

O termo hibridismo pode ser usado para estudar satisfatoriamente a cultura encenada na obra **Becos da memória**, mas com cuidado de não cometer o erro de Gilberto Freire (1930), que considerava esse termo para se referir à mestiçagem, diluindo a violência e dominação promovidas pelos brancos contra os negros ao longo da História do país.

Na obra em análise, o hibridismo pode ser usado para analisar a cultura do periférico e do subalterno e a sua mesclagem, influenciando e/ou parodiando a cultura hegemônica central e, ao mesmo tempo, sendo transformada por ela, já que, como afirma Homi Bhabha, “cada vez mais, o tema da diferença cultural emerge em momentos de crise social, e as questões de identidade que ele traz à tona são agonísticas; a identidade é reivindicada a partir de uma posição de marginalidade ou em uma tentativa de ganhar o centro.” (BHABHA, 2006, p. 247).

Após os negros serem traficados para o Brasil para trabalharem como escravizados, eles foram obrigados a seguir os costumes dos brancos e impedidos de exercer os próprios, os quais faziam parte de sua identidade. Com essa violência, eles foram obrigados a criarem formas de seguir os costumes dos brancos em público, mas, no espaço privado, nas senzalas, às escondidas, seguiam costumes e rituais de matriz africana. No contexto da narrativa, por exemplo, o nome dos filhos de descendentes de africanos eram escolhidos pelos brancos, como Maria. No entanto, se há alguma oportunidade, os negros não perdem tempo em reavivar a sua cultura, aproveitando para nomear seus filhos com nomes africanos, como se pode constatar no trecho a seguir:

Maria era igual, era a imagem pura de sua filha Ayaba. Filha para quem ele escolhera um nome bonito. Os sinhôs, naquele dia, estavam de bom humor ou de bom coração talvez e permitiram que ele, o pai, escolhesse o nome. Filha que ele pôde chamar de Ayaba, que, na linguagem dele e de seu povo, significava Rainha. (EVARISTO, 2006, p. 38).

Os nomes são importantes, porque identificam os sujeitos ao longo de toda a sua história de vida e até mesmo após a morte, ou seja, o nome é uma característica intrínseca à identidade do ser humano. O que pode ser depreendido desse excerto da narrativa também é que essas atitudes de valorização de traços da cultura de matriz africana são estratégias de resistência e que, ao longo da História brasileira, houve, com usos de termos de uma e outra cultura, hibridismos em suas condições fronteiriças, não sendo possível separar exatamente o que é de uma e o que é de outra.

A partir da materialização da obra **Becos da memória**, pode-se afirmar que a cultura negra brasileira é encenada de forma clara, firme e sem nenhum temor. Entretanto, o interessante é que não há uma encenação exaltada da cultura negra, como se ela fosse mais importante do que a cultura branca. Não prevalece nem uma nem outra. O que se verifica é que a cultura híbrida dos favelados aparece no mesmo patamar de igualdade em relação à europeia, como pode ser verificado na prática da religiosidade católica juntamente com as de matriz africana e nas formas de divertimento. É o caso das festas juninas, que servem para animar toda a favela e que têm origem em países católicos da Europa. Essa festividade foi trazida para o Brasil pelos portugueses ainda durante o período colonial, época em que o Brasil foi colonizado e governado por Portugal.

Segundo Stuart Hall, “na sociedade pós-moderna, o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada, estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” (HALL, 2005, p. 12). Nesse contexto, a identidade é um processo em andamento, sendo assim instável, impuro, híbrido, incompleto. Por isso, como as identidades estão sempre sendo refeitas, não há culturas íntegras, puras nem coesas. Isso se deve à globalização, que possibilita uma mudança constante, rápida e permanente. Com isso, as estruturas sociais estão cada vez mais abertas, abrindo possibilidade de novas articulações, novas identidades, novos sujeitos e novas estruturas. As vozes marginalizadas aparecem

como ruídos nas transmissões oficiais, rasurando-as. Os centros, em contato com o meio, desintegram-se e formam inúmeros novos centros. As identidades, antes consideradas estáveis, fragmentam-se, formando inúmeras novas identidades, como pode ser verificado no seguinte trecho de **Becos da memória**:

Quando venderam a sua irmã, por ela ter agarrado o sinhô pelo peito da camisa, ele vomitava ódio e prometia se vingar, pôr fogo na casa-grande. Chorou a noite toda. E o pai teve uma surpresa. Luís falou com ele durante horas naquela língua da terra distante. O pai pensava que o garoto soubesse falar só a linguagem dos brancos. Qual nada! Surpresa e alegria, Luís falava aquela linguagem tão bonita! (EVARISTO, 2006, p. 36-7).

Inicialmente, no Brasil, como na época da escravidão, essas ações de contato entre culturas eram mais conflituosas, por haver uma tentativa de negação da cultura de matriz africana, mas foi preciso haver, ao longo da História, negociações nas quais os afro-brasileiros articularam esses elementos contraditórios, destruindo as polaridades negativas e se instalando num entre-lugar, espaço que carrega o significado da cultura afro-brasileira. Corroborando essa ideia, Homi Bhabha afirma: “Ele [o entre-lugar] permite que se comecem a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionalistas do ‘povo’. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polarização e emergir com os outros de nós mesmos.” (BHABHA, 2006, p. 69 – destaques do autor).

A obra **Becos da memória** se evidencia como um entre-lugar na medida em que encena a identidade dos favelados como híbrida, sem fronteiras delimitadas, já que recebeu tanto influências da cultura branca quanto da negra. A identidade encenada na obra não é, portanto, negra nem branca, mas aquela formada a partir do contato entre as duas, de forma não só dialógica, mas também fissurada.

Essas fissuras ficam claras em alguns trechos do livro, já que alguns elementos impostos aos negros não foram absorvidos por completo, ainda soando como uma situação estranha no cotidiano deles. Vê-se, por exemplo, no trecho a seguir, que as pessoas não sabem ler, mas rezam em latim, não porque estão entendendo a mensagem, mas porque decoraram sem que aquela mensagem fizesse tanto sentido para elas.

Havia determinadas pessoas na favela que eram conhecidas como “tiradeiras de terço”. Eram elas quem dirigiam as orações, e sempre se faziam necessárias. Pois havia as rezas do mês de maio, mês de Maria, as rezas de outubro, mês do Rosário, as novenas de novembro, preparação para a chegada do Menino Jesus, os santos juninos e outros. Essas pessoas eram solicitadas para tirar o terço, puxar as rezas de casa em casa. Os santos visitavam cada barraco, era só o dono querer. Todo mundo queria. (...).

Maria-Nova, muitas vezes, lia em latim a ladainha de Nossa Senhora. Todos sabiam a ladainha de cor e respondiam em coro: “*Ora pro nobis*”. (...)

Mas a oração de que Maria-Nova mais gostava era *Salve Rainha*. (EVARISTO, 2006, p. 46 – destaques da autora).

Algumas orações não fazem sentido para os moradores da favela, principalmente Maria-Nova, outras sim, como é o caso de Salve-Rainha, que traduz a situação de desconforto do seu povo, com seus brados, tristezas. Para ela, aquela oração podia ser aplicada à vida de todos e à sua. Alguns santos foram apropriados pelos africanos escravizados e seus descendentes, tornando-se protetores do povo negro. É o caso, por exemplo, de Nossa Senhora do Rosário.

A literatura de Conceição Evaristo parte da realidade para elaborar a ficção. Assim, ao encenar uma realidade, acaba nos revelando valores, contextos políticos, ideológicos e culturais, mesmo sem se comprometer a assumir-se como fonte histórica. É o caso, por exemplo, do hibridismo das religiões europeia e de matriz africana encenado na obra, muitas vezes, não retratado em fontes históricas.

Segundo Hall, “sempre há o ‘deslize’ inevitável do significado na simiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado.” (HALL, 2006, p. 33). Então, nunca há um significado fixo e final. Essa lógica cultural é chamada atualmente de estética diaspórica, ou seja, aquela em que se está em constantes mudanças, além de ser híbrida e impura por se encontrar em contato com outras. Assim, há sempre uma ideia de repetição com diferença ou de reciprocidade sem começo. A fantasia de um significado final continua assombrando pela “falta” ou “excesso”, mas nunca é apresentável na plenitude sua presença em si mesma. O próprio lugar de identificação é um espaço de cisão. Isso fica claro no trecho da obra em análise supracitado, já que as pessoas se identificam com a religião católica e praticam-na, mas a língua utilizada em sua prática é estranha ao grupo, prejudicando a compreensão da mensagem. É como se

algo estivesse fora do lugar e causasse estranhamento tanto nos personagens quanto no leitor. Corroborando essa ideia, Bhabha afirma:

Finalmente, a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *auto-cumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser *para* um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade.” A identificação é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem. (BHABHA, 2006, p. 76-7 – destaques do autor).

Portanto, as identidades do sujeito vão se modificando ao longo da vida. Além disso, dentro dele não há um modelo estabelecido, mas identidades contraditórias que deixam o indivíduo em conflito e sujeito a constantes mudanças.

Não podemos nos esquecer de que a globalização é não somente econômica, mas também social e cultural. Os modelos culturais considerados essenciais e homogêneos por muito tempo agora são subvertidos. As culturas são diversificadas, e as identidades, pluralizadas. Com isso, mesclam-se cada vez mais as formas de pensar, os comportamentos e os estilos de vida, em um processo de tradução cultural que nunca se completa, já que está em constante diálogo, colisão, negociação e cuja experiência perturba modelos fixos de identidade cultural, perturbando a pretensa homogeneidade da cultura oficial, porque, segundo Hall, “o velho modelo centro-periferia está desabando.” (HALL, 2006, p. 45).

Essas transformações assustam os mais velhos, por isso eles tentam manter a tradição e transmiti-la aos novos membros, para que eles interiorizem e transmitam os conhecimentos, valores e princípios que definem a identidade de seu povo ao longo da História. No caso da identidade negra, ocorre que isso é muito difícil, já que, com a diáspora forçada, essa identidade se fragmentou, e o que se consegue são apenas traços, vestígios desses fragmentos. No entanto, como observamos na obra **Becos da memória**, como sujeitos da história e da cultura, há, da parte dos personagens afrodescendentes, todo um esforço para preservar traços da tradição, mesmo havendo a identidade diaspórica. Isso é feito ao longo de todo o enredo, quando os mais velhos contam a sua história e seu modo de vida a Maria-Nova, e ela também escreve essas vivências para guardá-las. Entretanto, é impossível

captá-las por completo, já que são todas configurações em curso, pois, segundo Hall, “estamos sempre em processo de formação cultural. Não é uma questão de ontologia, mas de se tornar.” (HALL, 2006, p. 43).

Um exemplo de modificação constante é o que ocorre com Maria-Nova, personagem-narradora de **Becos da memória**, que, mesmo não tendo vivido todas as experiências que os mais velhos contam, desenvolve um espírito cada vez mais crítico e pretende fazer algo para lutar por um mundo melhor. Ela vai se modificando tanto com as experiências diárias quanto com as histórias contadas pelos mais velhos e, ainda, com a leitura. A principal arma de luta da personagem é a escrita:

Muitas vezes, a fome acompanhava as crianças pelo caminho, pois o pouco dinheiro do pão era desvirtuado para a compra de um caderno, lápis ou borracha. Elas caminhavam rápidas e, aflitas, esperavam pela hora da merenda. Maria-Nova, à medida que aprendia, tornava-se mestra dos irmãos menores e das crianças vizinhas. Maria-Nova crescia, lia, crescia. (EVARISTO, 2006, p. 62).

A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. (...) A vida não brincava com ela e ela não brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso pôr tudo para fora, porém, como, como? Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e fogo. (EVARISTO, 2006, p. 73).

A protagonista, ao longo da obra, é quase a mesma, mas não exatamente, já que ela vai tendo uma visão aguçada e se tornando muito mais crítica.

Grande parte das personagens do livro são ligadas a Maria–Nova por laços familiares, descendem de escravos e, antigamente, viviam nas fazendas dos senhores brancos para garantirem a sobrevivência, mas, em um dado momento da vida delas, impulsionadas pela fome, pela pobreza e por conflitos, acabam tendo como destino a favela, onde a condição de vida é precária. Os deslocamentos constantes fazem com que essas personagens tenham contatos com novas realidades, novos sistemas e locais aos quais precisam se adaptar e nos quais também há uma troca de experiência entre a vivência urbana e a rural. Isso abala seus quadros de referência, que possibilitavam sua ancoragem no mundo e numa identidade social e cultural que os vinculava a uma condição escrava.

Estabelecendo novas relações de pertencimento, esse grupo mostra sua contribuição para a formação de uma nova identidade brasileira híbrida.

Segundo Homi Bhabha, “o hibridismo representa aquele ‘desvio’ ambivalente do sujeito discriminado em relação ao objeto aterrorizante, exorbitante, da classificação paranoica – um questionamento perturbador das imagens e presenças da autoridade.” (BHABHA, 2006, p. 165 – destaques do autor).

A perda de um sentido estável da identidade, segundo Hall, é denominada “deslocamento ou descentração do sujeito.” (HALL, 2005, p. 8). Isso acontece tanto do lugar do indivíduo, no mundo social e cultural, quanto de si mesmo. É por isso que ele perde a base na qual se sentia seguro, ancorando-se na dúvida e na incerteza e criando uma nova identidade, que subverte as identidades pré-dadas, pré-estabelecidas. Nesse contexto, vale lembrar Cuti, quando afirma que

A palavra “negro” lembra a existência daqueles que perderam a identidade original e construíram outra, na luta por suas conquistas, dentre as quais a Frente Negra Brasileira foi a organização de maior repercussão, pois chegou a ser um partido político. (CUTI, 2010 p. 39 – destaques do autor).

Na perspectiva de Cuti, que acreditamos ser a que prevalece na obra, ser negro é dizer não ao complexo de inferioridade, dizer sim à vida, à luta pela liberdade e valorizar a própria beleza, sem ficar preso apenas às heranças do continente africano. Caso o indivíduo não esteja aberto à aceitação dessa mudança, ele acaba entrando em crise e recusando essa nova realidade.

Um exemplo claro da dúvida em relação ao novo, da incerteza e, conseqüentemente, da perda de esperança ocorre com Tio Totó, personagem idoso da obra em análise. Isso é tão forte na vida dele, que, no dia de se mudar da favela, falece, porque está cansado de sempre ter que se mudar, mesmo contra a vontade, sendo forçado a se adaptar a novos espaços.

Naquela manhã, Tio Totó acordou sentindo uma leveza no corpo. Olhava as duas Marias e Mãe Joana arrumarem as coisas nas trouxas. Estava mais calado e distante. Soltava, de momentos em momentos, um fundo suspiro. Chamou Maria-Nova e reclamou do frio. Tio Totó tinha o corpo trêmulo e o olhar vazio. A menina aproximou-se dele, levantou-o com cuidado e, ao sustê-lo, teve então a nítida impressão de não estar segurando um corpo, e

sim de estar segurando nada. Buscou aflita as feições do velho e viu. Ela viu de perto no rosto, nos olhos, no jeito dele. Ela viu, ela sentiu a despedida. Maria-Nova sufocou o grito. Não um grito de medo ou susto. Sufocou o grito que vinha dela, que vinha dele. Era a morte, era a vida. Era Tio Totó sendo levado de roldão. Desta vez era Totó que ficara do lado de lá, era ele que não conseguira fazer a travessia, que não conseguira alcançar a outra banda do rio. (EVARISTO, 2006, p. 160).

Esse episódio está intrinsecamente ligado à epígrafe do livro, que também remete às mudanças forçadas das pessoas do local onde moram, tendo que se acostumar a novos espaços. Veja a epígrafe: “Quem disse que o homem não gostaria de ter raízes que o prendessem à terra?” (EVARISTO, 2006, p. 23). Segundo Hall,

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linguagem dos genes, seja constitutiva do nosso eu mais interior. (...) A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidade – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (HALL, 2006, p. 28).

Ainda sobre esse assunto, Kobena Mercer afirma: “a identidade somente se torna uma questão quando algo está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. (MERCER *apud* HALL, 2005, p. 9).

Nesse processo de deslocamento no espaço físico, há também um deslocamento na identidade de quem desloca, uma vez que existe contato com novas pessoas com costumes diferentes. Em relação às personagens do romance de Conceição Evaristo, observamos que a forma de vivência no campo, por exemplo, é diferente da existente na cidade, principalmente daqueles que viveram nas senzalas e depois nas favelas.

No campo, submetiam-se às ordens de um senhor, mas havia mais liberdade em termos de espaço geográfico. Na favela, há mais liberdade, porque não há submissão a um senhor, mas o espaço é mínimo tanto fora dos barracos quanto dentro deles, já que ali moram Tio Totó, Maria Velha, Mãe Joana e vários filhos em um espaço minúsculo.

É nesse espaço apertado que ocorrem deslocamentos de identidade em relação ao outro, uma vez que não fica claro que quem mora na favela são só pessoas negras. Além do mais, a favela não é um espaço fechado. Ela fica ao lado de um condomínio de um bairro rico:

Os festivais de bola da favela tinham gosto de grandes alegrias. Aconteciam em uma época certa, era uma vez por ano. Duravam meses, durante os sábados e domingos. O campo era uma área livre, enorme, que ficava entre a favela e o bairro rico. Bem rico e bem próximo. (EVARISTO, 2006, p. 27).

Assim, há um contato constante dos moradores da favela com os do bairro rico, já que as lavadeiras lavam as roupas das moradoras desse bairro, suas patroas, tendo contato mais próximo com elas: “A igreja do bairro rico ao lado da favela era de uns padres estrangeiros. Maria-Nova lá ia pedir selos. Ganhava das patroas de sua mãe e de sua tia.” (EVARISTO, 2006, p. 35). Nesse processo, a identidade se torna mais dialógica, resultando de antagonismos e articulações culturais, colocando em questionamento a hegemonia de diferentes culturas e construindo lugares híbridos, resultantes de negociações culturais.

É preciso lembrar também que o próprio espaço da favela tem sua identidade inicial e, a partir do momento em que ele é destruído, perde a noção do todo, fragmentando-se e, conseqüentemente, fragmentando sua identidade inicial, como nos mostra Maria-Nova ao observá-lo após ser destruído pela Firma Construtora:

Os últimos barracos da favela pareciam estar ali de teimosos. Eram poucos, pouquíssimos. Lembrou-se dos que já haviam sido derrubados. Lembrou-se também do que contara sempre Tio Totó e Maria-Velha, de como era ali na época em que chegaram. Muitos becos já haviam desaparecido. Agora, sobre aquela planura, era impossível reconstituir plena e fielmente onde ficava o barracão do Geraldão, do Zé, da Maria da Luz e dos outros. Um terreno, que antes era reconhecível até de olhos fechados, de um momento para outro perdera todas as suas características. Perdera todo o tortuoso relevo. Os becos de onde saltavam tantas vidas desapareceram como se nunca houvessem existido. (EVARISTO, 2006, p. 162-3).

Não se pode esquecer também que os moradores não têm propriedade alguma, sendo desalojados com frequência. Já que as relações, em um determinado espaço, são responsáveis pela construção da identidade dos moradores, ao ser

destruído, as identidades acabam se desfazendo e jamais serão as mesmas, já que cada um construirá uma nova vida em um novo ambiente, em contato com novas pessoas. Assim, o que restará serão apenas resquícios daquela identidade original. Maria-Nova reflete sobre isso no trecho a seguir:

Maria-Nova andava pelos terrenos recentemente desocupados com poeira-tristeza-lágrimas nos olhos. No local onde estavam os barracos dos que haviam ido pela manhã, agora só restava um grande vazio. Era como um corpo que aos poucos fosse perdendo os pedaços. Sentiu dores. (EVARISTO, 2006, p. 82).

É nesse processo que ocorre o deslocamento em relação ao outro, tanto do branco quanto do negro, a impureza na identidade, as oscilações entre a imitação e a originalidade, como no trecho:

Depois, muitos anos depois, uma ferida apareceu na perna de Sinhô moço, na mesma perna, no mesmo lugar. De nada valeu todo tratamento, todo cuidado. Nem médicos, nem garrafadas, nem rezas de pretos-velhos. A ferida sangrava, fedia e comia a perna do Sinhô moço. Os negros diziam que era castigo de Deus. E ficavam felizes, porque tinham um Deus que se vingava por eles e que um dia lhes daria o reino do céu. (EVARISTO, 2006, p. 58).

No excerto acima, verificamos um deslocamento em relação ao outro e um hibridismo em relação à religiosidade, já que garrafadas e rezas de pretos-velhos são rituais típicos de religiões de matriz africana, e o Deus que reservará o reino dos céus aos negros é católico, religião europeia. O interessante é que não só os negros praticam a religião proveniente da Europa, mas também o filho do senhor – branco – pratica a de matriz africana.

Essa hibridação é automática, ocorrendo naturalmente, sem que se possa precisar o momento exato. Mesmo assim, há preconceito por meio dos detentores da cultura oficial em relação à crença nos rituais dos descendentes de escravos:

Um ano, no aniversário de fundação da capela, um grupo de homens do Congo de São Noronha foi convidar o padre da paróquia vizinha para celebrar uma missa na capela. O padre respondeu que a missa não podia ser realizada em lugares profanos. Os homens do Congo não entenderam o que era profano. Maria-Nova, no dia da festa, rezou com mais fé ainda. Pensou consigo mesma: “O que sagrava a capela não era a água benta e

nem a bênção do padre que não viera, mas as lágrimas, as dores, o desespero, a esperança, a fé do povo que estava ali reunido”. (EVARISTO, 2006, p. 159-60 – destaques da autora).

É possível verificar, no trecho supracitado, que, mesmo os moradores da favela praticando a religião católica, o padre se recusa a celebrar missa na capela existente dentro da comunidade, porque a religiosidade existente nesse local é híbrida, já que o congo é uma dança trazida pelos escravos ao Brasil durante o Período Colonial. Assim, o padre considera o local profano, ou seja, estranho ou contrário à religião católica.

A partir dos exemplos supracitados, percebemos que Conceição Evaristo, ao construir a obra **Becos da memória**, privilegia o processo de hibridação da cultura e a ideia de que não há dicotomias nem posições antagônicas em relação à cultura afro-brasileira e sim um terceiro espaço ambivalente e fluido em que identidades e relações são construídas. “No intervalo da cultura, no ponto de sua articulação da identidade ou da perceptibilidade vem a questão da significação.” (BHABHA, 2006, p. 180). Assim, nessa parte intermediária que demarca o contexto da obra, há o encontro e a mistura de duas culturas, abrindo espaço para o subalterno construir sua própria versão da memória histórica, desafiando as fronteiras do discurso e modificando sutilmente seus termos.

Diante disso, ao lermos **Becos da memória**, verificamos que tanto a identidade negra como a branca estão sempre sendo formadas, já que são identidades abertas, inacabadas e fragmentadas. Com isso, não se pode mais pensar em identidade com um significado fechado, mas apenas se pode pensar em identificação do sujeito negro, porque ele está sendo constantemente perturbado pela diferença. Essa identidade é de fronteira, podendo ser pensada a partir de um entre-lugar.

Essa forma de a autora se referir à identidade pode ser o caminho para proporcionar a verdadeira transformação histórica, já que os papéis fixos de diferentes grupos sociais são desconstruídos, quebrando os limites e mesclando cada vez mais os costumes e as crenças. A fronteira perde a sua característica antiga de delimitação do espaço de cada cultura e passa a ser o espaço a partir do qual começa a se fazer presente a articulação de duas culturas, deixando, nesse jogo, a cultura negra cada vez mais forte.

5 CONCLUSÃO

O intuito, no percurso desta pesquisa, foi o de ir ao encontro de vozes críticas e teóricas, na tentativa de estabelecer um diálogo problematizador que nos desse base para analisar a obra **Becos da memória**. A partir dos estudos realizados, foi possível chegar a várias conclusões importantes no que diz respeito ao tratamento que o romance de Conceição Evaristo dispensa à questão racial no Brasil e à posição que o negro ocupa na sociedade.

Após a abolição da escravidão, em 1888, o negro foi submetido a outra injustiça: as teorias raciais, que o inferiorizavam, instituindo de vez o racismo na sociedade, arraigado ao longo da História do Brasil e até hoje em nosso cotidiano e permitindo o surgimento de oportunidades desiguais para brancos e negros. Nesse quadro geral, cabe à maioria negra ou afrodescendente da população os piores postos de trabalho, dificuldade de acesso aos meios culturais e ao sistema de formação escolar e profissional. Essas situações foram muito bem encenadas em **Becos da memória** pela escritora Conceição Evaristo.

A literatura afro-brasileira ou negra à qual a obra **Becos da memória** está vinculada, nascida da produção negra no Brasil, sem perder a qualidade estética tão fundamental à literatura, propõe-se discutir essas questões relacionadas ao negro.

Conceição Evaristo é considerada uma escritora negra por trazer para a cena literária os negros, pessoas esquecidas em lugares de pouca visibilidade, retratando a situação em que eles vivem, o espaço que ocupam na sociedade e valorizando sua cultura. Com isso, a análise da obra **Becos da memória** permitiu discutir sobre a importância do resgate cultural e identitário do negro para a emancipação socioeconômica e psicológica desse grupo étnico no Brasil e, ainda, a necessidade de libertar o negro do complexo de inferioridade, da negação de si próprio, sentimentos incutidos nele por teorias racistas, ao longo da História.

A narradora é adulta, negra e refere-se a si mesma quando era criança em terceira pessoa. É um ser que reivindica seu direito à fala como recurso de resistência à exclusão de uma sociedade que lhe nega o direito de falar. Ao longo da narrativa, percebe-se que ela não se aceita mais como ser silenciado, mas como sujeito. Ela sai da condição de sujeito que é olhado e passa a olhar, fazendo a

própria leitura e interpretação do mundo, tornando-se cada vez mais crítica ao longo da obra. Além disso, resgata a sua memória e a de seus ascendentes. Ela fala para ser ouvida além das fronteiras do grupo, além de encenar a voz do grupo ao qual pertence. Por isso, tem compromisso tanto de contar o que presencia quanto o que os mais velhos lhe contam de sua experiência, de suas aflições e sonhos em relação à época da escravidão, à época logo após a escravidão e à contemporaneidade, nas favelas.

Na obra, Conceição Evaristo, através da memória, discute muito bem o processo de constituição da identidade étnica negra. A principal abordagem feita pela autora refere-se ao significado de ser e estar no mundo como negro. Ela retrata as vivências precárias desse grupo étnico para que o leitor reflita sobre elas. Assim, há características do grupo que não são esquecidas, como a fome, a pouca escolaridade, o trabalho cansativo e pouco remunerado, a ameaça de perder o lugar onde mora, o alcoolismo, a solidariedade, situações vividas ainda na contemporaneidade pela maioria dos afrodescendentes. Conforme retratado na obra, o grande problema é que, como na época da escravidão, quando os senhores mandavam e os negros obedeciam, a grande maioria permanece em silêncio, aceitando a condição que lhes foi imposta por teorias racistas e pelo senso comum eurocêntrico. Quando Maria-Nova estudava, por exemplo, a única colega negra da escola agia como se o termo escravidão nada tivesse a ver com ela.

Aquele negro proveniente da África já não existe; existem, sim, seres mestiços. Assim, a cultura negra tradicional, que, antes de iniciar a pesquisa, eu imaginava encontrar, não foi encontrada, já que o que existe na sociedade é a tradução de uma nova identidade em uma estética diaspórica, ou seja, aquela que se formou fora da África e se encontra em constantes mudanças, além de ser híbrida por permanecer em contato com as outras.

As imagens de negros que aparecem na obra não ocupam somente a favela. Há um que vem de fora para pedir votos na época da política. O problema é que ele não é bem recebido. As personagens que não são instruídas e se encontram alienadas não o aceitam e não o consideram bom o suficiente para receber seu voto. Sabemos que essa realidade de discriminação dentro do próprio grupo étnico, encenada na obra, ainda existe em nosso cotidiano devido ao fato de alguns negros

ainda pensarem que belo e competente é aquele que se encaixa no estereótipo europeu.

Elegemos a memória como um dos operadores de leitura da obra por considerarmos sua importância, na medida em que seu estudo possibilitou à pesquisa compreender a retratação de realidades distantes no tempo e no espaço. A abordagem da memória nos permitiu refazer, com os personagens, os percursos percorridos pelo negro, primeiramente, da África para o Brasil, para viver nas senzalas e, no presente, do campo para as favelas – essas senzalas da atualidade. Os deslocamentos constantes, mesmo que forçados, foram revelados a partir da epígrafe do livro: “Quem disse que o homem não gostaria de ter raízes que o prendessem à terra?” (EVARISTO, 2006, p. 23). Essa epígrafe nos conta que o negro é obrigado a se mudar porque ele não é dono de espaço algum. A sociedade o excluiu, forçando-o a ocupar a margem, local em que ele também não tem segurança, porque aquele chão não lhe pertence e, à medida que o centro se expande, em termos geográficos, ocupa-o gradativamente, como vimos na obra na retratação do processo de desfavelamento que obriga os moradores a deixarem suas casas.

Analisando os deslocamentos das personagens, procuramos observar os contatos que os negros estabeleceram com novas realidades, novos sistemas e locais aos quais precisaram se adaptar e nos quais também acontecem as trocas de experiência entre a vivência urbana e a rural. Por isso, foi inevitável estudar também o hibridismo cultural, a problemática da literatura afro-brasileira, a da memória e a da construção da identidade negra.

Por meio das diversas reflexões feitas ao longo deste trabalho, percebemos que a literatura de Conceição Evaristo se mostrou preocupada com os problemas sociais enfrentados pelo negro, já que a autora propõe uma resignificação do espaço ocupado por ele através da valorização de sua cultura.

Esse processo permitiu-nos caracterizar a obra de Evaristo como literatura menor, já que, usando a oralidade, ela rasura a língua oficial. Além disso, o eu enunciativo da narrativa tem um posicionamento político de libertar o semelhante da situação desfavorável em que se encontra na sociedade, sendo, assim, essa literatura revolucionária em relação à já estabelecida. As pessoas mais velhas que contam as suas experiências a Maria-Nova raramente tiveram acesso à escola. Por

isso, sua opção por escrever a história dessas pessoas intenciona expor sua experiência, revelar uma realidade abafada pelo discurso oficial, fazendo do próprio preconceito e da discriminação racial temas de sua obra. Além disso, é revolucionária em relação à literatura já estabelecida e dita oficial, abre uma brecha para o reaparecimento de uma realidade oculta, abafada, mostra a imagem real do homem negro e demonstra resistência à opressão, desconstruindo o mundo nomeado pelo branco e valorizando o próprio.

No que diz respeito à memória, a narradora representifica, de forma afetiva, os fatos. Sendo essa memória ativa, não há separação entre passado, presente e futuro. Através da recordação, o futuro é também projetado de antigas esperanças. Além disso, o passado está ainda vivo e se funde com o presente.

Verificamos também, em nossa análise, que não só a memória é elaborada a partir de seleção e esquecimento. A historiografia também passa por esse processo e, por isso, possui lacunas a serem preenchidas por outros discursos.

Nesses estudos, em relação às identidades, vimos que elas, antes consideradas estáveis, na contemporaneidade, fragmentam-se, formando inúmeras novas identidades, porque as fronteiras são dissolvidas, rompidas, e as velhas certezas em relação às identidades são questionadas, porque há ênfase no impermanente e na diferença. Por isso, os polos entre raças, culturas, religiões não se sustentam na atualidade, e o racismo não tem fundamento. Na obra, contrapondo o racismo, o negro encontra-se culturalmente em nível de igualdade com o branco, valoriza a própria beleza, sem ficar preso às heranças do continente africano. Produz a sua própria cultura na diáspora.

Após todas essas reflexões, acreditamos ter alcançado nosso objetivo de refletir sobre a encenação do negro na obra de Conceição Evaristo como uma forma de discutir as questões sociais relacionadas a ele. Assim, acreditamos ter contribuído para a ampliação dos estudos sobre esse assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Miriam. Cadernos negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas / Mazza Edições, 2002.
- ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Protesto**. São Paulo: Edição do Autor, 1982.
- ASSUMPÇÃO, Carlos de. Quadrilho. In: Quilombhoje (org.). **Cadernos negros 15: poemas**. São Paulo: Quilombhoje, 1992, p. 7.
- BENJAMIN, Walter. "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**: São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992.
- BEZERRA, Kátia da Costa. A cor da ternura: tecendo os fios da memória. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas / Mazza Edições, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 11. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2004, p. 39.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- CANDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatayh. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2001. p. 43-69.
- CUTI. O leitor e o texto afro-brasileiro. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas / Mazza Edições, 2002.
- CUTI. **Literatura negro-brasileira: consciência em debate**. São Paulo: Selo negro, 2010.
- DELEUZE, Giles et GUATARRI, Félix. A literatura menor. In: **Kafka, por uma literatura menor**. Trad. Júlio Castagnon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

DUARTE, Eduardo de Assis. "Literatura afro-brasileira: um conceito em construção". In: **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008. p. 11-23.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

EVARISTO, Conceição. Vozes em discordância na literatura afro-brasileira contemporânea. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas / Mazza Edições, 2002.

FERREIRA, Olavo Leonel. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1995, p. 253-257.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas / Mazza Edições, 2002.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: SOUZA, Florentina, LIMA, Maria Nazareth(org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth; FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna (org.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas/Mazza Edições, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MENEZES, Adélia Bezerra. Memória e ficção (II) (Memória: matéria de mimese). In: Idem. **Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise**. São Paulo: Duas cidades, 2004, p. 145-163.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. In: **Revista do Programa de Estudos de Pós-graduação em História do Departamento de História**. PUC/SP. N. 10. Dez/ 1993.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Panorama da literatura afro-brasileira**. Disponível em

<<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/artigoedmilsoncallaloo.pdf>>.

Acesso em 10 de abril de 2014.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA - CASA CIVIL - SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em: 23 de março de 2014.

PROENÇA FILHO, Domício. “A trajetória do negro na literatura brasileira”. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, v. 18, n. 50, p.161-193, 2004.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **CBC - Língua Portuguesa – Ensino Fundamental e Médio**. Disponível em:

<http://webedu.educacao.mg.gov.br/SISTEMA_CRV>. Acesso em: 2 de março de 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Raça como negociação – sobre teorias raciais em finais do século XIX no Brasil. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 347 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.